

# PAISAGISMO CONTEMPORÂNEO EM RESIDÊNCIAS

DIRETRIZES GERAIS PARA PROJETOS  
INTEGRANDO NATUREZA E ARQUITETURA



PAULINA ALVES PEREIRA  
ANNELIESE HEYDEN CABRAL DE LIRA  
(ORGANIZADORAS)

**PAISAGISMO CONTEMPORÂNEO EM RESIDÊNCIAS:  
DIRETRIZES GERAIS PARA PROJETOS INTEGRANDO  
NATUREZA E ARQUITETURA**

PAULINA ALVES PEREIRA  
ANNELIESE HEYDEN CABRAL DE LIRA  
(ORGANIZADORAS)

**PAISAGISMO CONTEMPORÂNEO EM RESIDÊNCIAS:  
DIRETRIZES GERAIS PARA PROJETOS INTEGRANDO  
NATUREZA E ARQUITETURA**

1ª Edição

Quipá Editora  
2026

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

P436p Pereira, Paulina Alves  
Paisagismo contemporâneo em residências : diretrizes gerais para projetos integrando natureza e arquitetura / Paulina Alves Pereira e Anneliese Heyden Cabral de Lira. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2026.

61 p. : il.

ISBN 978-65-5376-542-9

1. Arquitetura. 2. Paisagismo residencial. 3. Natureza. I. Lira, Anneliese Heyden Cabral de. II. Título.

CDD 712

---

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Obra publicada pela Quipá Editora em abril de 2026.

Quipá Editora  
[www.quipaeditora.com.br](http://www.quipaeditora.com.br)  
@quipaeditora

## APRESENTAÇÃO

Esta obra resulta do Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido no âmbito da pós-graduação em Paisagismo Integrado à Arquitetura e ao Design de Interiores, no UNIESP Centro Universitário. O trabalho teve como objeto central o paisagismo em projetos residenciais contemporâneos, analisando sua contribuição para a qualificação dos espaços de morar, especialmente no que se refere à integração entre ambientes internos e externos e ao uso da vegetação e de elementos naturais.

O estudo abordou aspectos sensoriais, ecológicos e projetuais relacionados à inserção da paisagem na arquitetura, buscando compreender como essas dimensões podem orientar decisões de projeto. Como desdobramento da pesquisa, a obra apresenta uma cartilha com diretrizes gerais para o desenvolvimento de projetos paisagísticos no contexto residencial unifamiliar, destinada a estudantes, profissionais em formação e demais interessados.

**Palavras-chave:** Paisagismo residencial; Paisagismo e Arquitetura; Projeto de paisagismo.

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

### **CAPÍTULO 1** **06**

INTRODUÇÃO

### **CAPÍTULO 2** **09**

PROJETO PAISAGÍSTICO

### **CAPÍTULO 3** **17**

PROJETOS INTEGRADOS

### **CAPÍTULO 4** **28**

ANÁLISE DE CORRELATOS

### **CAPÍTULO 5** **46**

APRESENTAÇÃO DA CARTILHA

### **CAPÍTULO 6** **48**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** **50**

### **APÊNDICE 01** **52**

CARTILHA: PAISAGISMO RESIDENCIAL UNIFAMILIAR — DIRETRIZES  
GERAIS DE PROJETO

## CAPÍTULO 1

### INTRODUÇÃO

A paisagem simboliza uma relação intrínseca entre natureza e ser humano. A Carta da Paisagem das Américas constitui um importante instrumento orientador para a valorização, proteção, gestão e planejamento da paisagem no continente americano. Nas definições da Carta, a paisagem é assim conceituada:

Recorte de um território apreendido pela experiência sensível e inteligível da percepção, individual e coletiva, que se revela em um continuum de sistemas vivos, naturais e culturais interdependentes, como uma totalidade sintética, no espaço e no tempo (Carta da Paisagem das Américas, 2018, p. 9).

As experiências individuais e coletivas moldam os significados atribuídos à paisagem, contribuindo para a sua existência tanto no mundo material quanto no mundo dos sentidos e das subjetividades: a paisagem é vista, organizada e tem seus dados sensoriais interpretados, como aborda Luiz Otávio Cabral (2000) em seu ensaio “*A paisagem enquanto fenômeno vivido*”. Ao longo do texto, o autor discute a influência das vivências na percepção da paisagem e sua interferência na relação entre as pessoas e o ambiente. O autor destaca, ainda, a importância da abordagem sensível e interdisciplinar para o estudo da paisagem, considerando fatores físicos e naturais, e também a dimensão humana e cultural da relação com o ambiente construído.

O paisagismo é a prática projetual que intervém na paisagem, considerando suas dimensões materiais, relacionadas aos elementos físicos e espaciais, e simbólicas, associadas aos significados culturais e afetivos atribuídos ao lugar. O projeto paisagístico abrange diferentes possibilidades de intervenção, desde grandes parques públicos até pequenos jardins intralote. Independentemente da escala, a composição planejada da paisagem deve estar fundamentada no desenvolvimento sustentável e alinhada às condicionantes naturais e o contexto cultural. Deve, ainda, contemplar a participação sensorial e emocional dos usuários, de modo a gerar um senso de integração com o espaço projetado.

Vinculado ao bioma local, o paisagismo favorece o equilíbrio entre fauna e flora e reafirma a relação entre ser humano e natureza. Em jardins residenciais, essa aproximação

ultrapassa a dimensão estética e se manifesta como experiência sensível do habitar. O planejamento paisagístico deve considerar condicionantes ambientais e repercussões sensoriais e, partindo do contexto natural e cultural em que está inserido, contribuir para a construção da identidade dos habitantes. Ao incorporar simbolismos e visões de mundo ao espaço projetado, torna-se expressão cultural e instrumento de preservação da biodiversidade, capaz de suscitar novas percepções na experiência cotidiana.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, a análise dos vínculos entre paisagismo, ser humano, natureza e os processos metodológicos projetuais foi delimitada ao contexto residencial unifamiliar. Destaca-se que ainda são escassos os estudos que abordam a integração entre o projeto de paisagismo, o projeto arquitetônico e os projetos complementares. Diante desse contexto, e considerando a necessidade de estudos metodológicos capazes de orientar a prática profissional, esta pesquisa estabelece como objetivo geral discutir e propor uma metodologia projetual a ser aplicada a projetos de paisagismo residencial unifamiliar. Como objetivos específicos, propõe-se: (1) Apresentar aspectos sensoriais e ambientais relacionados ao paisagismo residencial, (2) Discutir processos e soluções projetuais para o paisagismo residencial unifamiliar contemporâneo e (3) Apresentar uma cartilha que auxilie paisagistas no ato de projetar.

A metodologia foi dividida em quatro etapas. A primeira constituiu-se em pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica acerca das correlações entre projeto, sensorialidade e integração com a natureza, com base em Juhani Pallasmaa (2011), Toni Backes (2020), Stephen Kellert e Elizabeth Calabrese (2015) e Ricardo Cardim (2022). A segunda etapa correspondeu à compreensão da inter-relação entre projeto paisagístico e arquitetônico, bem como dos planos estruturantes e elementos compositivos do paisagismo, conforme Benedito Abbud (2010) e Carlos Niemeyer (2019), incluindo a análise de três projetos correlatos localizados em diferentes biomas brasileiros, selecionados a partir da plataforma ArchDaily e de produção autoral, adotados como referências projetuais para análise comparativa.

Nos correlatos apresentados, foram analisados os elementos naturais e construídos, com o intuito de verificar soluções projetuais em diferentes escalas. Por fim, a terceira etapa constituiu-se na discussão a respeito dos procedimentos para o desenvolvimento de projetos de paisagismo em contexto residencial unifamiliar, fundamentando-se em autores como

Abbud (2010), Cardim (2022) e Niemeyer (2019), resultando em uma cartilha com diretrizes gerais para a concepção projetual a serem aplicadas em diferentes biomas do Brasil. A cartilha tem o intuito de nortear as fases do projeto de paisagismo, além de contemplar aspectos afetivos e ambientais em cada etapa.

## CAPÍTULO 2

### PROJETO PAISAGÍSTICO

#### Do sensível ao ecológico

A palavra “jardim” vem do termo “jardin” do francês, sendo frequentemente utilizada para descrever áreas fechadas destinadas ao cultivo de árvores e plantas ornamentais, de caráter público, semi-público ou privado. O paisagismo, por sua vez, refere-se à transformação intencional e consciente de espaços livres de diferentes escalas, considerando os impactos na paisagem e na qualidade de vida das pessoas. O paisagismo em escala intralote compreende uma diversidade de intervenções, que incluem jardins internos, externos e verticais. Tais espaços podem ser constituídos por diferentes tipologias vegetais, com plantio realizado diretamente no solo ou em elementos como vasos e jardineiras, ampliando as possibilidades projetuais para a qualificação ambiental de áreas residenciais. Tal atividade é atribuída ao paisagista, profissional especializado em projetar e transformar a paisagem (Niemeyer, 2019).

Para além da composição formal, o projeto paisagístico pode viabilizar vínculos afetivos entre os usuários e o ambiente. Em crítica às propostas destituídas de intencionalidade e marcadas por composições geométricas padronizadas, como formas circulares, retangulares ou triangulares, Toni Backes (2020) denomina tais soluções de “paisagismo estrutural de bibelôs”, caracterizando-as como arranjos essencialmente decorativos e pouco conectados à experiência sensorial e simbólica do espaço.

As interações entre o ser humano e o ambiente construído, conforme discutido no âmbito da Psicologia Ambiental, são estruturadas por categorias fundamentais como *espaço* e *lugar*, segundo a abordagem de Sylvia Cavalcanti e Lana Nóbrega (2017), as quais evidenciam a dimensão subjetiva e relacional na apropriação dos espaços. Espaço e lugar são, informalmente, tidos como semelhantes, mas não são. O espaço pode ser uma categoria de estudo (espaço geográfico, político etc.) ou a matéria exterior em relação ao indivíduo, sem limites definidos. Por sua vez, o lugar é um espaço identificado onde se estabelece relação, que ganha valor pela vivência e pelos sentimentos (Cavalcante;

Nóbrega, 2017, p. 182).

A reflexão sobre “lugar” e “não lugar” é aprofundada pelo filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman (2001), que argumenta que, na modernidade líquida, a ideia de lugar perde estabilidade e torna-se efêmera. Os lugares deixam de ser compreendidos como espaços sólidos e permanentes, sendo apreendidos como construções passíveis de rápida desconstrução. A liquidez da modernidade os transforma em espaços flexíveis e voláteis, permitindo sua redefinição a qualquer momento. Por sua vez, os não-lugares tornam-se mais presentes na modernidade líquida, amplamente utilizados pelas indústrias do turismo, comércio e entretenimento, e frequentemente associados à solidão e à ansiedade, por não oferecerem senso de pertencimento ou conexão.

Quando o paisagismo se desvincula dos contextos culturais e ambientais, aumenta a possibilidade de se configurar como um “não lugar”. Por outro lado, o projeto paisagístico pode constituir uma intervenção consciente voltada à requalificação e ressignificação do espaço habitado, tornando-o mais propício ao convívio.

### **O lugar da experiência sensorial**

A experiência sensorial humana é composta pelos cinco sentidos: visão, tato, paladar, olfato e audição. Cada sentido responde de modo específico aos estímulos ambientais e à consciência individual. As percepções proporcionam experiências agradáveis ou desagradáveis, que variam conforme aspectos bioquímicos, neurológicos e temperamentais e, embora compartilhem os mesmos sentidos, os indivíduos vivenciam experiências sensoriais singulares (Tuan, 2012).

No contexto da Arquitetura, Juhani Pallasmaa (2011) destaca o papel dos sentidos na apreensão do mundo e critica a privação sensorial da cidade moderna. Para o autor, a falta de humanismo na arquitetura decorre de uma experiência fragmentada, que desconsidera o corpo e privilegia a visão. Embora cada sentido perceba o ambiente de maneira própria, a conexão plena entre ser humano e espaço depende do envolvimento integrado dos sentidos. Quando restrita à visão, a experiência torna-se parcial, reduzindo o indivíduo à condição de espectador.

O jardim oferece múltiplos estímulos sensoriais, em razão das variadas possibilidades

de composição e percepção. Integrado à arquitetura, o paisagismo pode transformar a atmosfera do projeto e a relação entre indivíduo e espaço, sendo “a única expressão artística em que participam os cinco sentidos do ser humano” (Abbud, 2010, p. 15). Cores e formas estimulam a visão; fragrâncias, o olfato; texturas, o tato; sons naturais, a audição; e ervas e frutas, o paladar. Um jardim planejado, assim, pode promover prazer sensorial e contribuir para o bem-estar e a qualidade de vida.

Por meio da visão, percebem-se planos, elementos, alturas, formas e cores das plantas, bem como os efeitos da luz sobre copas, maciços vegetais e superfícies. Esse sentido permite apreender a beleza e a complexidade do jardim. O tato possibilita experimentar texturas e temperaturas dos elementos naturais e construídos. Espécies frutíferas, hortaliças e plantas alimentícias não convencionais (PANCs) estimulam o paladar. O olfato é ativado pelas fragrâncias, que variam conforme a estação e o horário. A audição capta sons da chuva, do vento nas folhas, da água em lagos e fontes, além da presença de pássaros e outros animais. Além dos cinco sentidos, Toni Backes (2020) destaca percepções sutis e subjetivas como um sexto sentido, relacionado às ressonâncias entre ambiente natural e corpo humano, à interioridade e à sensação de harmonia com os demais seres vivos.

Em jardins residenciais, as memórias afetivas também se configuram como um importante aspecto a ser considerado no projeto. Portanto, ao paisagista cabe compreender os anseios e necessidades para o espaço, identificando possíveis significados atribuídos a determinadas espécies vegetais ou elementos naturais e arquitetônicos viáveis para a composição do projeto paisagístico.

Para além da composição de elementos naturais e arquitetônicos, a iluminação constitui fator determinante na configuração das sensações. A luz difusa e as sombras estimulam a imaginação ao produzirem imagens abstratas e ambíguas, enquanto a luz intensa e homogênea tende a reprimi-la, assim como a homogeneização dos espaços “enfraquece a experiência da vida humana e arrasa o senso de lugar” (Pallasmaa, 2011, p. 44). Portanto, intenções projetuais que promovam interações plenas entre corpo e espaço são pertinentes ao processo projetual, considerando as especificidades do contexto e explorando cores, volumes, texturas e a dinâmica da luz natural, cuja experiência é

destacada por Toni Backes (2020) como elemento central na qualificação sensível do ambiente.

A Casa Luis Barragán constitui um exemplo de projeto que explora a relação entre luz e emoção. O projeto de Barragán foi sua residência pessoal e representa a sua forma de ver e produzir arquitetura. Os seus projetos são conhecidos pelo forte apelo emocional, em que a arquitetura está relacionada à paisagem e aos elementos naturais, explorando cores, contrastes, luz, filtros de luz e sombras.

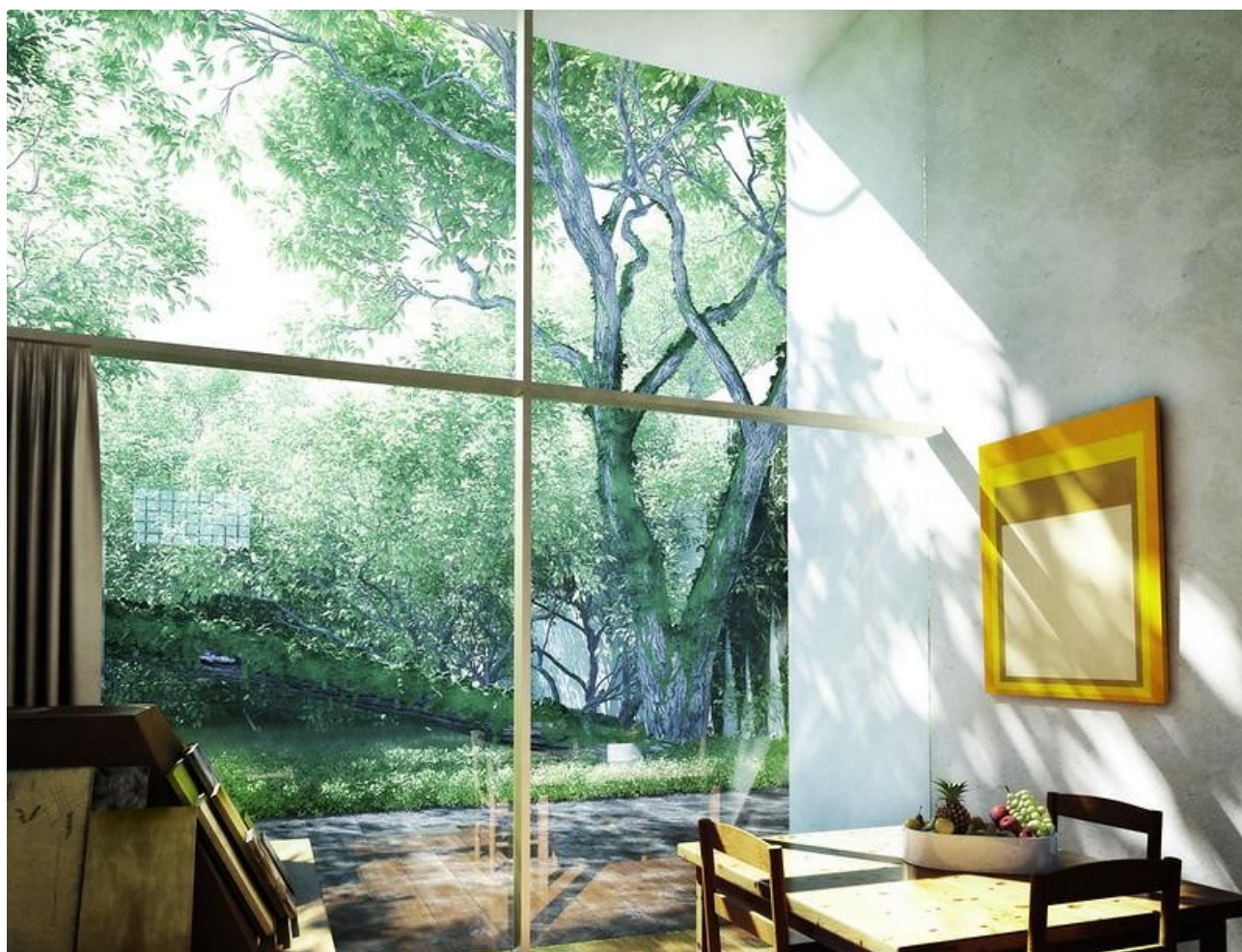


Figura 01 - Casa Luis Barragán. Fonte: Flickr LrBln.

Em sua dissertação, Daniela Aires (2017) aborda a influência da cor na percepção espacial, analisando a obra de três arquitetos, entre eles, Luis Barragán. Em seus projetos, a escolha das cores a serem utilizadas ocorria na finalização da construção, partindo da observância da luz natural e seus reflexos no espaço em diferentes horários. As cores mais utilizadas por ele eram o rosa vibrante, vermelho, azul, amarelo e branco, mas o verde não

era utilizado. A justificativa de Barragán para a ausência de pintura dessa cor em seus projetos é a de que o verde da paisagem do entorno bastava e sua arquitetura não deveria competir com a natureza.

### **Biodiversidade brasileira**

A biodiversidade brasileira, em sua fauna e flora, contém a maior concentração de diversidade nas áreas tropicais do planeta. São cerca de 46.975 espécies de plantas, com novas espécies descritas anualmente e distribuídas em seis biomas: Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica, Cerrado, Pantanal e os Pampas, com destaque para a Caatinga, a qual ocorre unicamente no Brasil (Cardim, 2022).

Entre as espécies vegetais nativas, muitas são endêmicas, ou seja, não ocorrem em outras partes do planeta. Os biomas Mata Atlântica e Cerrado são considerados os mais ricos em biodiversidade de plantas endêmicas com sementes no Brasil, enquanto no cenário mundial, os campos rupestres do Cerrado e da Caatinga são os mais biodiversos, com mais de 5 mil espécies de plantas, ou quase 15% da diversidade brasileira. Sua riqueza natural fornece uma imensa quantidade de plantas com potencial para serem especificadas no paisagismo, com 34.009 espécies de plantas vasculares (Cardim, 2022).

As plantas comumente utilizadas no paisagismo são escolhidas, sobretudo, pelo seu valor ornamental. Muitas podem ser encontradas na flora brasileira, mas ainda existem espécies com potencial paisagístico pouco difundido ou desconhecido. Ricardo Cardim (2022) registra alguns exemplos de famílias e gêneros com esse potencial:

(...) temos catalogadas 316 espécies de palmeiras - sendo 111 endêmicas do Brasil -, 515 espécies da família Araceae (ex. *Philodendron* sp. e *Anthurium* sp.), 1.397 bromélias (Bromeliaceae), 25 espécies de helicônias (Heliconiaceae), 227 espécies de marantas (Marantaceae), 46 espécies de samambaias (Cyatheaceae), 71 espécies de clúsias (Clusiaceae), 1.007 espécies da família Myrtaceae (ex. jabuticabeira, *Plinia cauliflora*), 147 espécies de amarílis (Amaryllidaceae), 221 espécies de begônias (Begoniaceae), 27 espécies de ipês (*Handroanthus* sp., Bignoniaceae), 28 espécies de neomáricas (*Neomarica* sp., Iridaceae), 118 espécies de quaresmeiras (*Tibouchina* sp., Melastomataceae), 121 espécies de canelas-de-ema (*Vellozia* sp., Velloziaceae) e 262 espécies de bambus (Poaceae) (Cardim, 2022, p.160).

Os biomas possuem identidades paisagísticas distintas. No entanto, entre eles, não existe uma fronteira claramente definida, resultando na presença de vegetação e características comuns, conhecidas como zonas de transição ou ecótonos. Dos seis biomas

brasileiros, a Mata Atlântica foi a mais afetada pelo processo de colonização, uma vez que, no litoral, surgiram os primeiros aglomerados urbanos. O bioma ocupa em torno de 17% do território nacional e abriga 70% da população do país. Atualmente, restam apenas 12,5% de sua área original (Cardim, 2022). Desde a colonização, o bioma sofre com os efeitos do avanço da agropecuária, da urbanização, do extrativismo e da invasão biológica por espécies exóticas invasoras. A ocupação da Mata Atlântica fez também com que muitas de suas espécies fossem utilizadas em projetos paisagísticos, como as famílias Araceae, Bromeliaceae, Orchidaceae, Arecaceae, Marantaceae e outras, que tornaram-se referência nacional e internacional.

A flora brasileira ganhou destaque, sobretudo, pela influência de Roberto Burle Marx, que explorava o uso de espécies nativas em seus projetos. Historicamente, os jardins residenciais brasileiros eram projetados com espécies exóticas, seguindo a influência europeia. Também se restringiam às residências de famílias com maior poder aquisitivo. Da segunda metade do século XIX até o início do século XX, era comum apenas um recuo lateral nas edificações, para melhor iluminação e ventilação nos ambientes internos. O acesso à habitação dava-se, comumente, pela lateral, na maioria das vezes ajardinada, como explica Nestor Reis Filho (2014) em seus estudos sobre a transformação da arquitetura no Brasil.

Com o Modernismo, que tem como um dos marcos inaugurais a Semana de Arte Moderna de 1922, o paisagismo seguiu o fluxo de renovação da identidade nacional decorrente do rompimento com o tradicionalismo até então vigente. Inicialmente, as cactáceas eram os símbolos essenciais de brasilidade e modernidade, presentes nas artes plásticas, na literatura e no paisagismo (Dourado, 2009). Durante esse processo de renovação, Burle Marx obteve destaque como uma das figuras centrais no cenário do paisagismo. Formou-se em artes plásticas e adquiriu sua primeira experiência com a flora nativa do Brasil fora do país, nas estufas do Jardim Botânico de Dahlem, na Alemanha.

Em 1934, assumiu a diretoria do Departamento de Parques e Jardins de Recife, atuando em intervenções e projetos de praças para a cidade, onde “imprimiu conhecimento multidisciplinar ao tratar do jardim como arte e com fundamentos históricos e científicos” (Carneiro, 2019, p. 78). Um de seus primeiros projetos foi a Praça Euclides da Cunha, onde cactáceas e blocos de pedra reproduzem um cenário do sertão nordestino em pleno litoral

pernambucano, segundo Ana Rita Carneiro (2009), autora de estudos sobre jardins de Burle Marx em Recife.

As plantas nativas para uso ornamental em jardins vão muito além dos cactos; contudo, naquele momento ainda era mais fácil adquirir espécies exóticas, o que levou Burle Marx a recorrer a sítios naturais, ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro e à importação de plantas nativas tropicais cultivadas na Alemanha (Dourado, 2009). Posteriormente, realizou expedições científicas para a descoberta e coleta de espécies nativas nos diferentes biomas brasileiros, contando com uma equipe multidisciplinar formada por botânicos, agrônomos, biólogos, paisagistas e jardineiros.

O contato com diversos cenários naturais durante essas expedições permitiu a observação das plantas e das composições volumétricas da natureza, favorecendo interpretações da paisagem natural em seus projetos. Pela descoberta de novas espécies e pelo uso de espécies nativas, Burle Marx consolidou-se como um dos principais paisagistas do modernismo. Em uma conferência proferida em 1975, o paisagista declara alguns de seus compromissos:

Salvar ao menos parcela de nossa flora dizimada, coletar exemplares na natureza, descobrir seu potencial paisagístico, multiplicar espécies para poderem figurar condignamente nos jardins, demonstrar seu grande valor, quando utilizadas corretamente, em harmonia com o ambiente, passou a ser, pois, minha grande meta como paisagista (Marx, 2004, p. 116).

Como expressão de seu comprometimento como paisagista, Burle Marx deixou seu sítio, onde morou, trabalhou e desenvolveu pesquisas. Em 2021, o sítio tornou-se Patrimônio Mundial Cultural pela UNESCO, refletindo a importância cultural de seu trabalho, sendo atualmente gerenciado como unidade especial vinculada ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O Sítio possui cerca de 3.500 espécies de plantas tropicais e subtropicais, conforme informações do site oficial<sup>1</sup>. Essas espécies foram coletadas em expedições realizadas em todos os biomas brasileiros e estão atualmente distribuídas em viveiros e jardins.

Burle Marx compreendeu o papel ecológico do paisagismo e rompeu com o modo europeu de planejar jardins, dedicando-se a explorar a singularidade do contexto natural brasileiro, marcado pela diversidade de biomas e por identidades paisagísticas distintas. Em

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://sitioburlemarx.org/>. Acesso em 09 mar. 2026.

um contexto de conscientização sobre a importância da integração do paisagismo ao seu contexto ecológico e sociocultural, a Carta da Paisagem das Américas, em uma de suas considerações, refere-se ao papel do arquiteto da paisagem:

(...) na preservação, conservação e produção de novas paisagens, por ser o profissional que incorpora a compreensão híbrida de natureza e cultura, em diferentes escalas de espaço e de tempo e pode propor projetos que considerem a identidade, a estética e a sustentabilidade dos lugares, afastando-se do conceito de "tábula rasa" ou de "museificação" dos lugares, para manter um compromisso respeitoso e criativo no diálogo com os lugares, ou seja, com as paisagens preexistentes (Carta da Paisagem das Américas, 2018, p. 6).



Figura 02 - Sítio Burle Marx. Fonte: Portal do IPHAN.

## CAPÍTULO 3

### PROJETOS INTEGRADOS

#### Aproximando Arquitetura e Paisagismo

A concepção do projeto de paisagismo baseia-se em conhecimentos teóricos e técnicos, uma vez que peremias um espaço tanto físico quanto psicológico, no qual o primeiro pode ser medido matematicamente e o segundo, pelas sensações que desperta, segundo o paisagista Benedito Abbud (2010). Uma das particularidades do projeto de paisagismo residencial unifamiliar é o envolvimento direto do cliente, possibilitando a compreensão das necessidades e expectativas sobre o produto final, diferente de projetos para condomínios verticais, por exemplo, onde não há contato entre o paisagista e os futuros moradores. Ainda em conformidade com o paisagista, o projeto integra diferentes elementos, como o terreno, o clima, a arquitetura e os usuários, e destacando que esse espaço é composto tanto por elementos físicos — como caminhos, áreas verdes e elementos decorativos — quanto por aspectos emocionais, como o conforto e o bem-estar (*Ibidem*, 2010).

No planejamento do espaço paisagístico, Abbud (2010) enfatiza a importância da relação entre cheios e vazios, visto que é necessário considerar os volumes definidos pelas plantas e os espaços vazios que surgem entre eles. Os vazios devem prever usos, enquanto os cheios criam volumes e definem as áreas do jardim, além de oferecerem sombra, proteção e privacidade. Os cheios são representados por plantas, mobiliário, esculturas e demais elementos construídos presentes no espaço, responsáveis por conferir volume, textura e cor ao projeto. Também criam barreiras físicas ou visuais, colaborando para a composição estética e para o atendimento das necessidades funcionais.

Os vazios, por sua vez, correspondem aos espaços livres entre os cheios, os quais podem ser abertos ou fechados, destinados à circulação, à criação de caminhos ou áreas de convivência, bem como à contemplação da paisagem. Os vazios favorecem a permeabilidade do solo, a ventilação e a iluminação, além de proporcionar sensação de leveza e equilíbrio visual. Cheios e vazios constituem elementos complementares. A distribuição dos volumes deve ser planejada de modo a promover continuidade e unidade, evitando vazios excessivos e áreas congestionadas (Abbud, 2010).



Figura 03 - Jardim frontal residencial, Tibau do Sul-RN. Fonte: Paulina Alves Pereira.

A vegetação pode ser trabalhada como elemento de demarcação na transição entre o interior e o exterior da edificação. O jardim frontal exemplifica o equilíbrio entre cheios e vazios; pelo seu emprego em fachadas, representa a transição entre as áreas públicas e privadas. Pode ser composto por plantas, elementos ornamentais ou construídos, e acessos destinados a pessoas e veículos. Ao projetar um jardim frontal, é esperado que sejam atendidas as demandas estéticas de embelezamento e valorização da fachada e as demandas funcionais, com soluções de sombreamento e privacidade. O jardim frontal desempenha papel importante no aumento da biodiversidade e das áreas permeáveis, permitindo a infiltração da água da chuva no solo e contribuindo para a redução de enchentes e de ilhas de calor, o que estende a importância dos jardins frontais à esfera pública.

No que tange ao aspecto criativo do ato de projetar, Benedito Abbud (2010) destaca que o paisagismo possibilita maior liberdade ao projetista se comparado ao projeto

arquitetônico. Sem abrir mão das necessidades funcionais, o jardim deve encantar pela estética, o que torna propícia a diversidade na modelagem espacial por meio do equilíbrio entre volumes vegetais e construídos. Os elementos naturais e artificiais podem ser definidos por critérios pessoais e orientados pelo programa de necessidades do projeto. E, de modo a propiciar uma continuidade entre os projetos, é preferível que o paisagismo e a arquitetura sejam desenvolvidos em conjunto. Em ocasiões em que o paisagismo é concebido posteriormente à arquitetura, este tende a limitar-se ao espaço remanescente do terreno; em lotes reduzidos, esse espaço corresponde aos recuos, o que pode limitar o potencial paisagístico “ao que restou do terreno”.

Quando o projeto paisagístico é pensado conjuntamente com o projeto arquitetônico, paisagista e arquiteto devem atuar de modo integrado para atender ao programa de necessidades de ambos, estabelecendo uma relação de continuidade entre os projetos, permitindo ao cliente uma visualização mais completa do conjunto e facilitando a compreensão e eventuais alterações. Essa abordagem também favorece a compatibilização com projetos complementares, como instalações hidrossanitárias e elétricas, essenciais para a escolha e setorização das espécies vegetais, para a percepção e utilização noturna do jardim e para a implantação de infraestruturas necessárias ao seu funcionamento e manutenção, como sistemas de irrigação, piscinas, cascatas, fontes e espelhos d’água, o que torna o projeto mais eficiente e contribui para a viabilidade econômica de sua execução.

### **Elementos e planos estruturadores do espaço paisagístico**

Enquanto o espaço arquitetônico apresenta formas geométricas invariáveis, o espaço paisagístico caracteriza-se por formas livres e dinâmicas, sendo também estruturado por planos — de piso, de vedação e de teto — que podem ser associados ao espaço arquitetônico, de acordo com Carlos Niemeyer (2019) em sua obra *Paisagismo no Planejamento Arquitetônico*.

No paisagismo, o piso é o principal plano, ao organizar a setorização do espaço, a forração, os maciços vegetais, os elementos de conexão entre diferentes níveis, como escadas e rampas, além de espelhos d’água e piscinas. O plano de vedação é formado por paredes e maciços vegetais que vedam visualmente o espaço conforme as necessidades

funcionais e ambientais, podendo ser constituído por árvores de copa vertical ou espécies arbustivas dispostas linearmente para formar barreiras visuais ou cercas-vivas. Já o plano de teto atua como cobertura, podendo ser composto por espécies arbóreas de copa horizontal ou por elementos arquitetônicos, como lajes, pergolados e caramanchões associados à vegetação, que, combinados com mobiliários, criam espaços de permanência protegidos do sol e da chuva (Niemeyer, 2019).

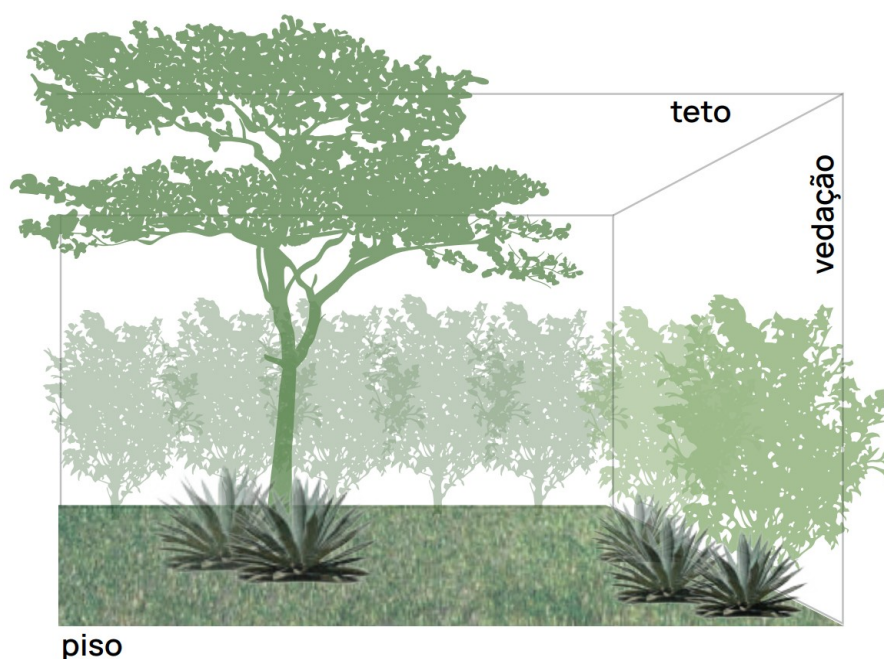


Figura 04 - Planos estruturadores do espaço. Fonte: Elaborado por Paulina Alves Pereira.

Os planos podem ser trabalhados de acordo com o conceito definido para o projeto. Cada conceito abrange intenções projetuais distintas e a sua definição direciona o processo criativo e de escolha dos elementos compositivos do projeto. Carlos Niemeyer (2019) sugere possíveis elementos artificiais que podem ser relacionados ao espaço paisagístico, como mobiliário, material cerâmico, estruturas arquitetônicas e iluminação. O mobiliário engloba uma série de itens móveis ou fixos, como bancos, mesas, vasos e esculturas. Os materiais cerâmicos são frequentemente utilizados na pavimentação ou no revestimento de superfícies, enquanto as estruturas arquitetônicas são elementos para permanência ou para atividades de lazer, como quadras e piscinas. A iluminação permite o uso noturno do jardim. A luz pode ser trabalhada de diversas formas: como iluminação geral, para iluminar todo o

ambiente, ou como iluminação cênica, para destacar pontos específicos e criar um clima mais intimista no ambiente.

Além dos elementos definidos pelos objetivos do projeto, alguns recursos podem ser aplicados em grande parte dos projetos paisagísticos por influenciarem na percepção do espaço, como a integração visual do jardim com a paisagem do entorno por meio da ampliação de seus limites físicos. Benedito Abbud (2010) denomina esse recurso de origem oriental como “captura das paisagens adjacentes”, obtida por meio de aberturas estratégicas na composição dos maciços vegetais e da criação de enquadramentos que enfatizam a paisagem do entorno. Em espaços externos reduzidos, canteiros entre o piso e o muro criam independência entre os elementos, tornando-os visualmente mais leves, enquanto a adoção de tonalidade escura no muro atrás da vegetação produz a sensação de maior distância em relação ao observador.

Outros elementos básicos na criação de um jardim são as composições dos estratos vegetais. Os estratos vegetais são divididos em três principais grupos: arbóreo, arbustivo e de forração (Abbud, 2019). Cada grupo apresenta características próprias, que devem ser combinadas para trazer dinâmicas volumétricas e perspectivas integradas aos demais elementos do projeto e à arquitetura.

### **Uso da vegetação**

A vegetação é determinante no caráter plástico do paisagismo. Além disso, as plantas correspondem a elementos vivos no projeto: é possível observar seus diferentes estágios de desenvolvimento, algumas espécies vegetais levam anos e até mesmo décadas para atingirem o seu ápice (Macedo, 1992). No que diz respeito à organização, a vegetação pode ser disposta em grupos, fileiras ou isoladas, compondo volumes cheios e direcionando o olhar do observador para um ponto focal no espaço (Abbud, 2019).

As espécies vegetais possuem diversas alturas e estruturas morfológicas, que podem ser organizadas em estratos vegetais. O estrato arbóreo é composto por árvores, palmeiras e coníferas, geralmente com altura superior a cinco metros, que possuem caules lenhosos e sustentação própria. Algumas espécies arbóreas possuem flores e frutos comestíveis e ornamentais, além de diferentes formatos de copas. As árvores dividem-se em grupos de

pequeno, médio e grande porte, portanto, é necessário conhecer as características de cada grupo considerando as necessidades projetuais e a área disponível. O estrato arbustivo assemelha-se ao arbóreo, mas de menor porte, atingindo até três metros de altura, e por isso são frequentemente trabalhados isoladamente ou na composição de maciços, a fim de criar barreiras visuais ou delimitar espaços no projeto, como cercas-vivas.

Outro grupo vegetal é o das herbáceas, cujas principais características são o caule pouco ou não lenhoso. As herbáceas subdividem-se em três grupos: herbáceas, forrações e pisos vegetais. As herbáceas atingem altura de até um metro, suas folhagens e flores detêm valor decorativo. Já as forrações são espécies rasteiras de até 30 centímetros de altura que não admitem o pisoteio. Os pisos vegetais correspondem às gramíneas, porém toleram o pisoteio e devem ser regularmente podados para manter a estética do jardim e o crescimento saudável da planta. O estrato de forração favorece o revestimento do solo e o acabamento estético dos canteiros (Niemeyer, 2019).

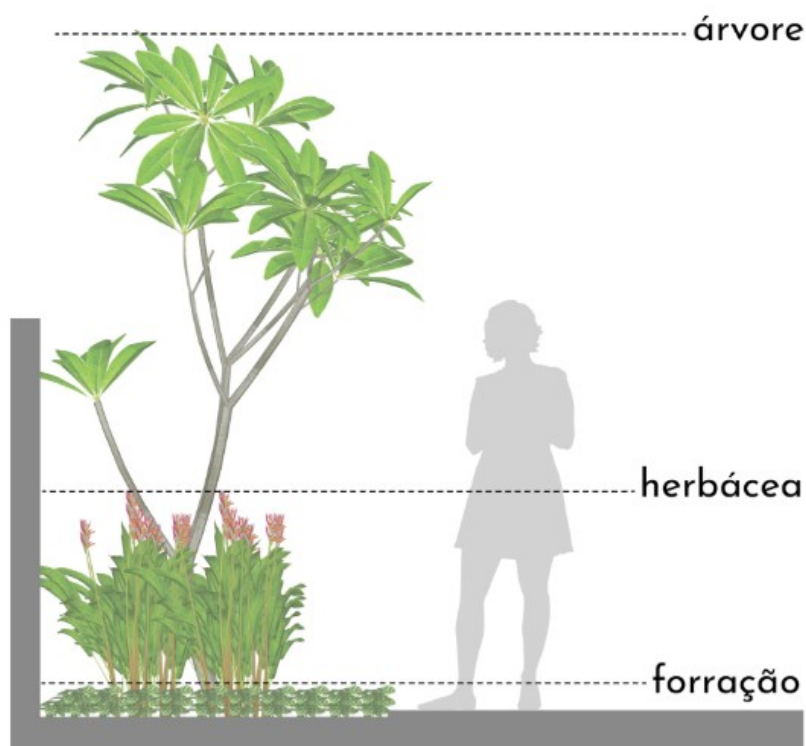


Figura 05 - Estratos vegetais. Fonte: Elaborado por Paulina Alves Pereira.

A escolha das espécies exige conhecimentos prévios sobre as características físicas das plantas, como altura, densidade, textura e cores, assim como as condições adequadas

para seu crescimento e sobrevivência, como o manejo do solo, a frequência da irrigação e a exposição à luminosidade. Diante dessa diversidade, Benedito Abbud (2019) divide as composições vegetais em dois conjuntos: homogêneos e heterogêneos. Os maciços homogêneos são compostos por grupos da mesma espécie, permitindo efeitos visuais e sensações distintas através das diferentes possibilidades de afastamento entre os caules. Um conjunto homogêneo de arbustos pode margear um caminho, enquanto um conjunto de árvores de uma mesma espécie cria um pano de fundo para ampliação da silhueta de uma paisagem adjacente. Os maciços heterogêneos agrupam diferentes espécies, com características próprias de altura e forma, e por essa variedade, são mais estimulantes aos sentidos. Um bom projeto de paisagismo combina soluções equilibradas de maciços homogêneos e heterogêneos.



Figura 06 – Composição com maciços heterogêneos. Fonte: Paulina Alves Pereira.

## Vegetação nativa

Criar áreas verdes que privilegiem a vegetação nativa regional e promover o equilíbrio ecológico de nosso território são questões éticas e de respeito ao patrimônio natural herdado. Trata-se de compreender que o espaço ocupado pelo jardim é um direito não apenas nosso, mas também da fauna e da flora que já viviam há milênios naquele território (Cardim, 2022, p. 107).

A escolha das espécies a serem especificadas deve estar intrinsecamente relacionada aos aspectos ecológicos e culturais do local. Nesse sentido, Ricardo Cardim (2022) propõe uma diretriz para a especificação e composição vegetal baseada na origem das espécies, organizada em seis grupos hierarquizados de acordo com seu grau de prioridade:

- 1) Propor espécies nativas regionais com origem e variabilidade genética conhecida, descendentes de populações da região (maior potencial ecológico e cultural).
- 2) Propor espécies nativas regionais (maior potencial ecológico e cultural).
- 3) Propor espécies do bioma de referência, embora não ocorrentes para a região, desde que não invasoras (menor potencial ecológico e maior cultural).
- 4) Propor espécies de outros biomas brasileiros que não o de referência da região, para fins ornamental, alimentar e medicinal, desde que não invasoras (maior potencial cultural).
- 5) Propor espécies exóticas ao Brasil de uso alimentar e medicinal, desde que não invasoras (maior potencial cultural).
- 6) Propor espécies exóticas ao Brasil para fins ornamentais de forma pontual, desde que não invasoras (maior potencial cultural) (Cardim, 2022, p. 189).

Os dois primeiros grupos apresentados pelo autor devem ser priorizados, sendo o primeiro (1) aquele que apresenta o maior potencial cultural e ecológico para o projeto, por considerar os dados sobre a procedência das mudas de espécies nativas cultivadas. Quando não é possível identificar a origem, recomenda-se ao menos evitar espécies geneticamente modificadas, como as hibridizadas. Isso ocorre porque, ao se tornarem demasiadamente diferentes das espécies silvestres de origem, as variedades podem ocasionar alterações nas populações nativas em razão do cruzamento entre elas.

O uso de espécies nativas deve ser priorizado, mas não necessariamente excluir a utilização de espécies exóticas não invasoras. Algumas espécies exóticas foram naturalizadas e se adaptaram ao ecossistema local, podendo, quando especificadas em conjunto às nativas, contribuir para a composição de paisagens diversificadas. A *Alpinia purpurata* (Vieill.) K. Schum, conhecida popularmente como alpínia, é um exemplo de espécie exótica, originária das Ilhas dos Mares do Sul (Lorenzi, 2022), que se adaptou bem ao clima tropical brasileiro. Amplamente cultivada, sua ocorrência foi registrada em estados

das cinco regiões do país<sup>2</sup>. Pelo seu valor estético, costuma compor projetos de paisagismo públicos e residenciais, trazendo cor e tropicalidade.



Figura 07 - Alpínia vermelha. Fonte: Paulina Alves Pereira.

A escolha de espécies nativas do bioma e da região onde se projeta favorece a redução de custos de aquisição e manutenção, pois tais plantas já estão adaptadas às condições climáticas e ao solo local, demandando menos água, fertilizantes e pesticidas do

---

<sup>2</sup> Informações sobre a distribuição geográfica da Alpínia segundo André, T. *Zingiberaceae in Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB110702>. Acesso em: 09 mar. 2026.

que espécies exóticas. A resistência natural das espécies nativas beneficia a formação de jardins mais saudáveis (Cardim, 2022). Assim, em projetos de paisagismo residencial — em áreas externas e internas, varandas ou composições com vasos — a presença da flora nativa constitui eficiência ecológica e cultural. Mesmo em pequenas escalas, a vegetação nativa favorece a integração com o ecossistema urbano e a atração da fauna local.

## CAPÍTULO 4

### ANÁLISE DE CORRELATOS

#### Projetos contemporâneos

O principal objetivo deste capítulo é apresentar e discutir soluções adotadas em projetos desenvolvidos no âmbito nacional que integram arquitetura e paisagismo. Foram selecionados dois projetos recentes publicados no site *ArchDaily*<sup>3</sup>, conhecido por ser uma das plataformas mais visitadas de arquitetura, que reúne artigos de projetos de arquitetura, interiores, paisagismo e urbanismo de diferentes países do globo, com descrições, desenhos técnicos e imagens enviadas pelos autores dos projetos, e um projeto autoral.

As escolhas dos projetos foram norteadas pela diversidade de realidades presentes no território brasileiro. Consideraram-se diferentes localidades, escalas e tipos de jardim, nos quais foram observados os seguintes aspectos projetuais: (1) Elementos compositivos (naturais e construídos) dos planos estruturantes do espaço, (2) Integração entre arquitetura e paisagismo e (3) Maciços vegetais e espécies utilizadas.

O primeiro projeto analisado consiste em um paisagismo de áreas externas em condomínio horizontal. O segundo abrange paisagismo externo e interno em uma residência localizada em lote urbano, e contempla jardins arborizados, pátios ajardinados e composições com plantas em vasos. Por último, é apresentado um projeto de menor escala, no interior de um apartamento, que exemplifica o paisagismo residencial em contexto de condomínio vertical.

No decorrer da análise, foram utilizadas plantas baixas disponíveis nos artigos e croquis elaborados a partir das fotografias dos projetos. Os croquis foram produzidos pelo arquiteto e artista Fillipe Azevedo, com base nas fotografias dos artigos dos projetos do *ArchDaily*, constituindo-se como suporte gráfico para a apreensão e análise dos elementos e aspectos projetuais pertinentes.

#### Primeiro projeto: Casa NZ, 2022

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br>. Acesso em: 09 mar. 2026.

A Casa NZ<sup>4</sup> está localizada em um condomínio horizontal em Uberlândia, Minas Gerais. O projeto de arquitetura é de autoria do escritório Aguirre Arquitetura e o paisagismo, de Alexandre Lico. Com 585 m<sup>2</sup> de área total, os cômodos estão distribuídos em um único pavimento. A implantação da edificação foi feita em “U” para que os espaços de lazer e de convivência estejam no centro da dinâmica da casa, conforme descrito pela equipe responsável pelo projeto.

Na planta baixa, observa-se a distribuição espacial no lote, com a identificação de cada ambiente e suas correlações com as áreas verdes. A implantação do projeto arquitetônico possibilitou que o espaço paisagístico fosse trabalhado tanto no centro quanto nas laterais e na fachada do lote; assim, identificam-se jardim frontal, jardins laterais e jardim central, onde se localiza a piscina.



Figura 08 - Planta Baixa Casa NZ. Fonte: Aguirre Arquitetura via *ArchDaily*.

Na fachada principal, os planos de piso, teto e parede foram estruturados a partir da interação entre vegetação e arquitetura, por meio da projeção de vigas e coberturas. O

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/997715/casa-nz-aguirre-arquitetura>. Acesso em: 09 mar. 2026.

jardim frontal está orientado a sudoeste e contempla uma composição de estratos vegetais que inclui piso vegetal com gramíneas, forrações, herbáceas e palmeiras. A disposição linear das palmeiras, que margeiam as laterais do acesso de pedestres, confere perspectiva ao projeto, direcionando o olhar do observador para a construção e o espaço paisagístico no interior do lote.

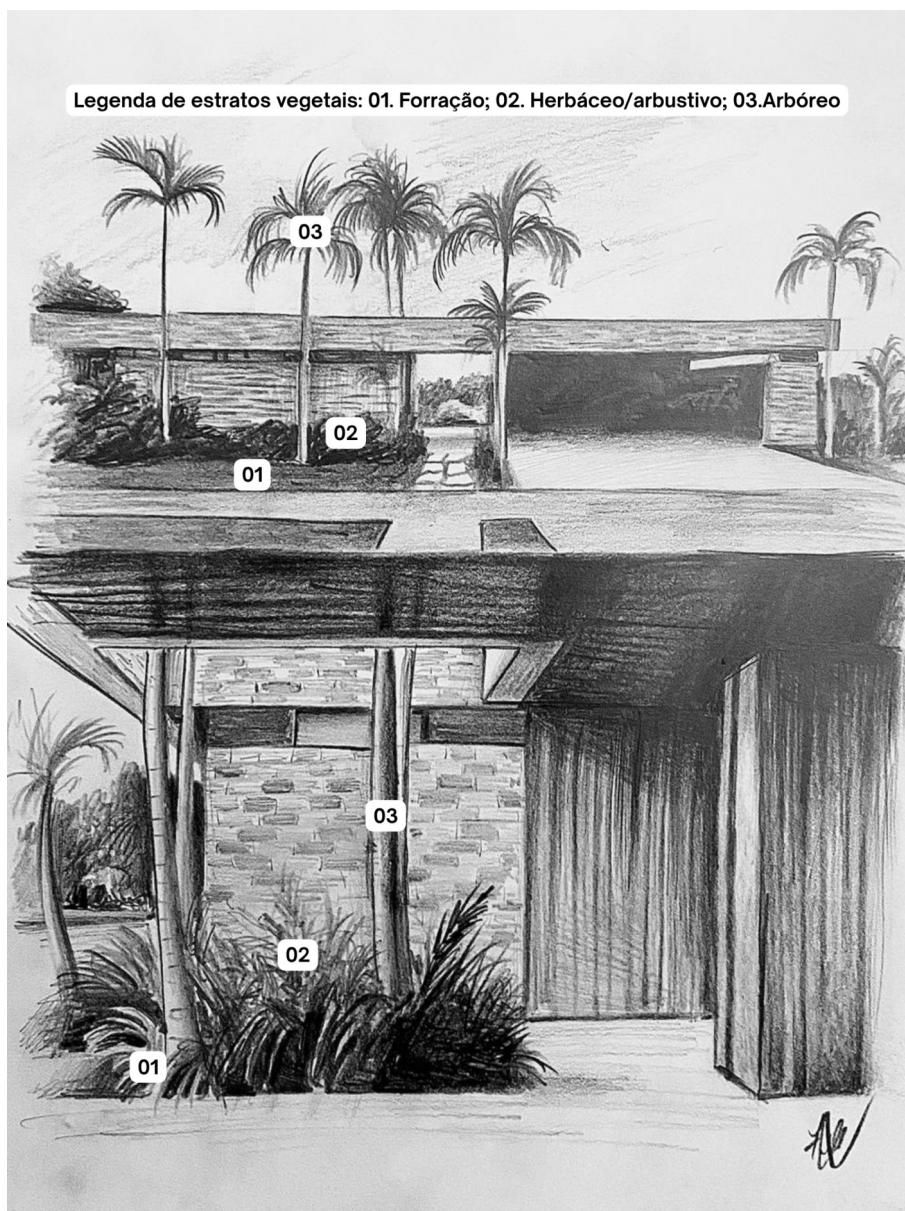


Figura 09 - Jardim frontal / Casa NZ. Fonte: Fillipe Azevedo, a partir de fotografia de Israel Gollino (editado por Paulina Alves Pereira).

No jardim lateral, a vegetação representa um plano de vedação, com estratos de forração, palmeiras de pequeno porte e herbáceas verticais, entre as quais se destaca a maranta-charuto. Trata-se de uma herbácea robusta de folhas largo-elípticas, nativa do bioma amazônico, que pode atingir entre 1,5 e 3 metros de altura. Esta espécie de maranta é bastante utilizada em projetos de paisagismo, mas devido à sua baixa tolerância ao frio, recomenda-se que seja utilizada em projetos paisagísticos localizados em regiões tropicais do Brasil (Lorenzi, 2022).

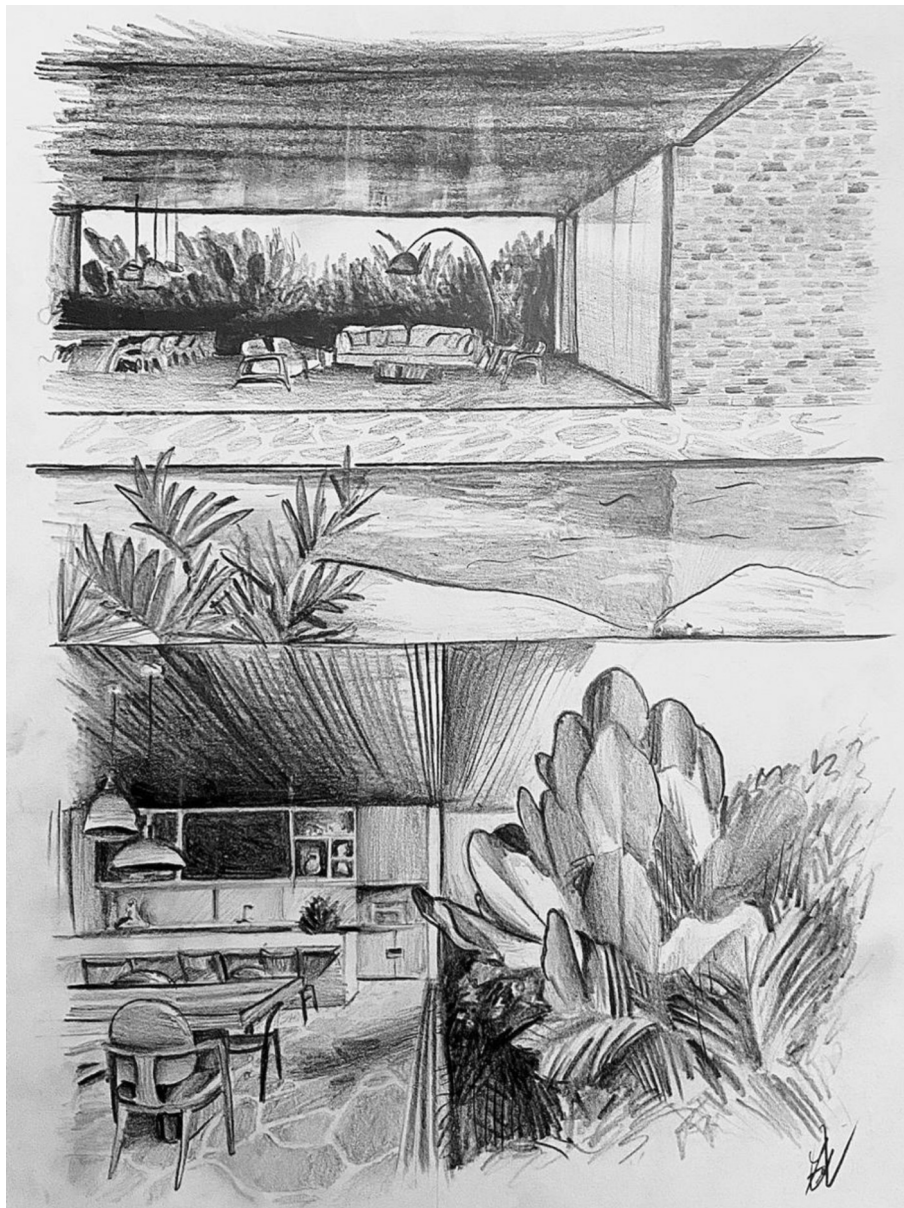


Figura 10 - Jardim lateral e relação entre interior e exterior / Casa NZ.  
 Fonte: Fillipe Azevedo, a partir de fotografia de Israel Gollino.

Através do hall de entrada, é possível acessar o jardim central, onde o paisagismo combina diferentes estratos vegetais. Observam-se espécies como o capim-do-texas, a palmeira carpentária e o filodendro ondulado. As duas últimas espécies também estão presentes no jardim frontal, o que gera continuidade volumétrica na composição paisagística.

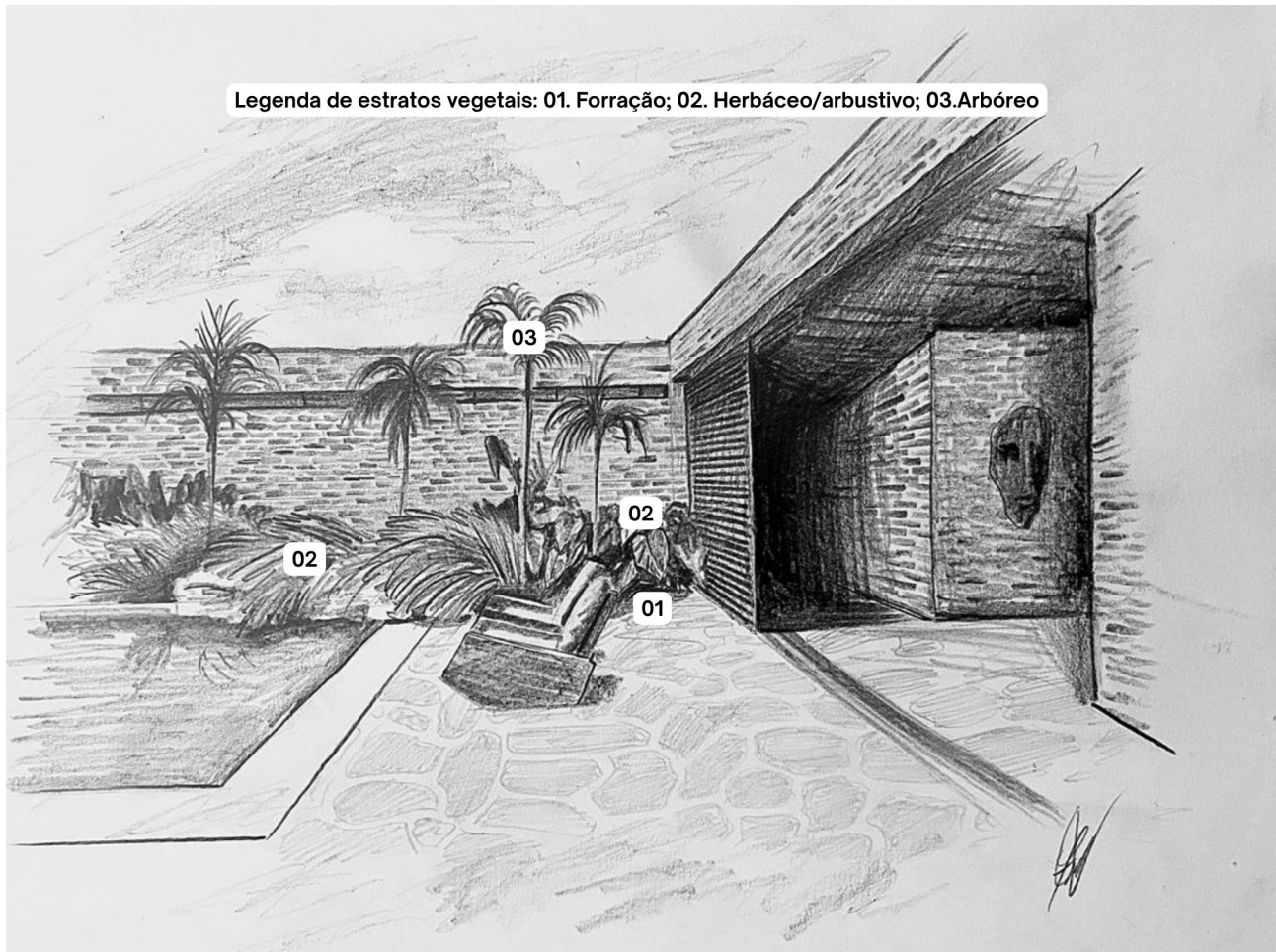


Figura 11 - Jardim central e hall / Casa NZ.

Fonte: Fillipe Azevedo, a partir de fotografia de Israel Gollino (editado por Paulina Alves Pereira).

O jardim central é composto por vegetação, mobiliário solto e uma piscina de formato parcialmente orgânico. Nas bordas da piscina, os canteiros ajardinados com largas folhagens tropicais em contato com a água fazem referência às piscinas naturais. A composição vegetal abrange espécies de diferentes alturas, desde a forração até o estrato arbóreo, criando efeito de profundidade. É possível identificar algumas herbáceas, como o filodendro ondulado, o guaimbê, a alocação orelha-de-elefante e uma jabuticabeira. Além da continuidade do revestimento do piso, percebe-se que, entre os ambientes sociais e o jardim

central, a cobertura projeta-se até o limite da piscina, o que reforça a integração entre o interior e o exterior da residência.

Em linhas gerais, o projeto mantém continuidade entre o espaço arquitetônico e o paisagístico, demonstrando que houve integração entre os projetos. Nota-se a predominância de grupos de plantas em detrimento de maciços isolados. A repetição de determinadas espécies em diferentes espaços propicia uma leitura visual harmoniosa do projeto. Quanto à paleta de cores, prevaleceu o uso de espécies vegetais de tonalidade verde, sem a introdução de cores que rompam a harmonia cromática do conjunto.

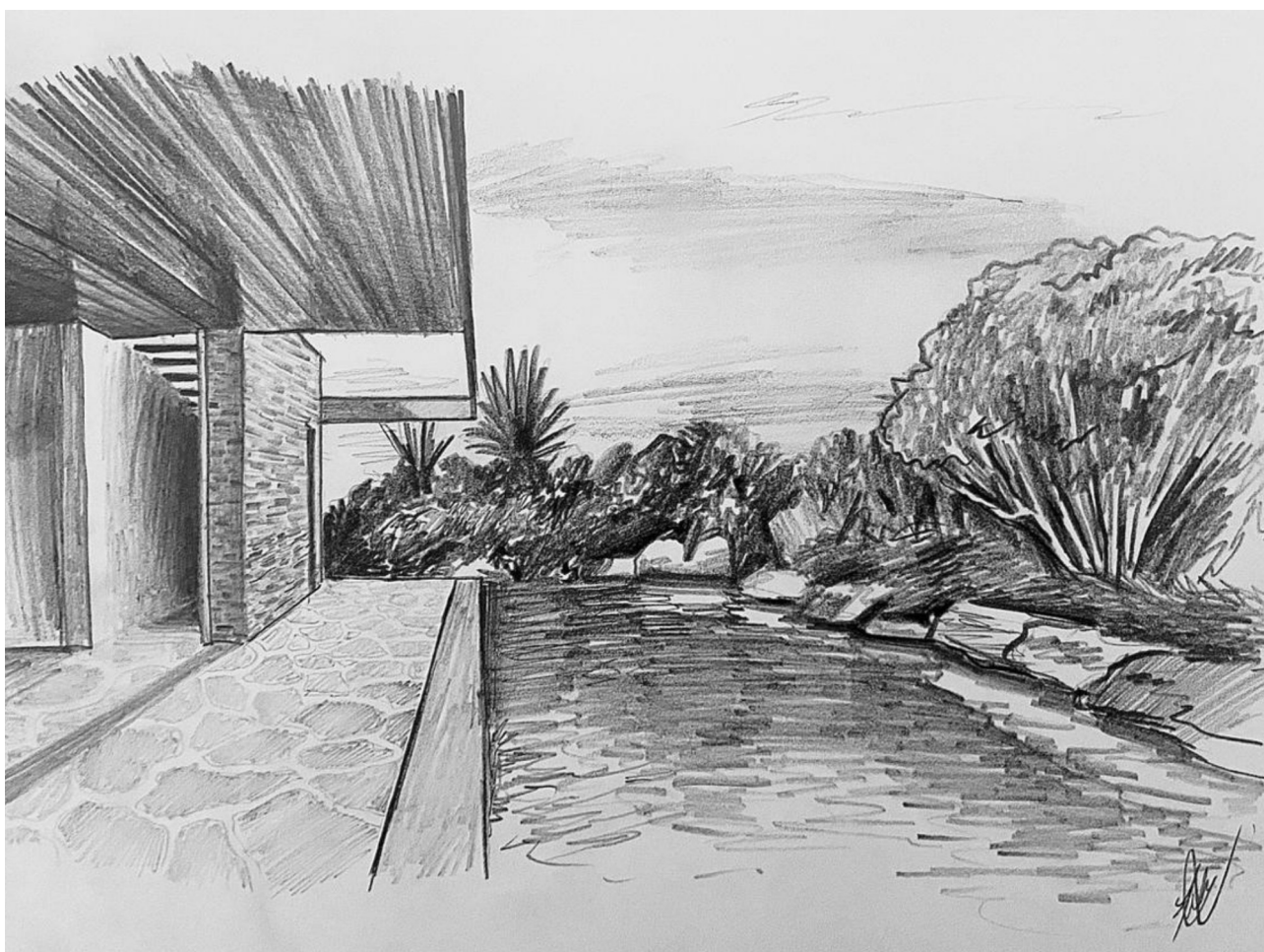


Figura 12 - Jardim central e piscina / Casa NZ. Fonte: Israel Gollino via ArchDaily.

A cidade de Uberlândia possui clima tropical e está situada em uma região ecotonal. Nesta região há uma transição entre dois biomas: o Cerrado, que ocupa 98% de seu território, e a Mata Atlântica, que cobre 2% da região<sup>5</sup>. Dada a zona de transição, a vegetação

---

<sup>5</sup> Dados obtidos através do Infosanbas, disponível em: <https://infosanbas.org.br/municipio/uberlandia-mg/#distribuicao>. Acesso em 09 mar. 2026.

nativa possui características de ambos os biomas. Ricardo Cardim (2022) orienta que, em caso de projetos de paisagismo em ecótonos, é pertinente ao projetista atentar-se tanto ao bioma quanto à flora local, para que se conheçam as características da paisagem local com maior precisão. A análise do projeto indica coerência na escolha das espécies vegetais. O predomínio de plantas tropicais de grande porte foliar contribui para uma linguagem unificada que dialoga com o clima de Uberlândia. Considerando que a região está inserida em uma zona de transição entre o Cerrado e a Mata Atlântica, a especificação de plantas tropicais adaptadas ao clima local demonstra escolhas consonantes com as condições ambientais.

### **Segundo projeto: Residência Cobogó, 2018**

Diferente do projeto anterior, a Residência Cobogó<sup>6</sup> está localizada em um lote urbano na região central da cidade de São Carlos, São Paulo. A cidade está localizada no bioma do Cerrado. O projeto arquitetônico foi desenvolvido pelo escritório CHX Arquitetos, e o paisagismo, pelo arquiteto paisagista Rulian Nociti, do escritório Land N Citi, ocupando uma área total de 295 m<sup>2</sup>.

O programa de necessidades está distribuído em dois pavimentos, nos quais os espaços paisagísticos incluem um jardim frontal, jardins externos, internos e um terraço-jardim interligados aos ambientes internos. Conforme a planta baixa do térreo (ver figura 13), o pavimento está organizado em dois blocos; a garagem e o escritório são ambientes independentes, mas conectam-se aos demais cômodos por meio de um corredor coberto. Observa-se que a maioria dos ambientes térreos mantém algum tipo de integração com áreas ajardinadas.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/974090/residencia-cobogo-chx-arquitetos>  
ad\_source=search&ad\_medium=projects\_tab. Acesso em: 09 mar. 2026.



Figura 13 - Planta Baixa Pavimento Térreo / Residência Cobogó. Fonte: CHX Arquitetos via ArchDaily.

No pavimento superior, conforme a planta baixa (ver figura 14), os ambientes dividem-se entre áreas íntimas e espaços livres. Conforme descrito pelo escritório, os terraços-jardins foram idealizados de modo a permitir futura expansão da residência; portanto, o projeto apresenta uma alternância equilibrada entre cheios e vazios. A alternância entre áreas edificadas e espaços abertos configura-se como um dos aspectos mais marcantes do projeto, em consonância com a proposta de integração entre arquitetura e paisagismo em ambos os pavimentos.



Figura 14 - Planta Baixa Pavimento Superior / Residência Cobogó. Fonte: CHX Arquitetos via ArchDaily.

Na fachada frontal, em contato direto com a rua, o jardim engloba diferentes estratos vegetais: forrações, herbáceas e árvores. As espécies herbáceas especificadas apresentam folhagem linear estreita, enquanto a disposição das árvores compõem um plano de cobertura sobre o passeio da calçada. Além da vegetação, os cobogós foram trabalhados expressivamente na fachada, enquanto elementos arquitetônicos.

Elementos vazados, como cobogós e brises, contribuem para a aclimação da construção, ao favorecerem a ventilação e a permeabilidade visual, ao mesmo tempo em que resguardam a privacidade do interior da edificação. Além disso, exercem função estética na composição da fachada, conferindo leveza e valorização plástica por meio de seus padrões vazados. Enquanto em condomínios horizontais a arquitetura tende a ser mais aberta e integrada aos espaços públicos, no contexto urbano observa-se uma crescente tendência ao isolamento, em grande parte associada à busca por segurança dos moradores. Esse isolamento manifesta-se na própria configuração arquitetônica, com a presença de muros altos, ausência de elementos vazados e redução da permeabilidade visual entre o interior da edificação e o espaço urbano.

De acordo com a descrição da equipe responsável, optou-se por um arranjo espacial voltado para o interior do lote, a fim de garantir maior privacidade aos moradores. Os projetos de arquitetura e paisagismo foram desenvolvidos simultaneamente e orientaram a implantação dos cheios e vazios, com limites tênues entre ambientes internos e externos.

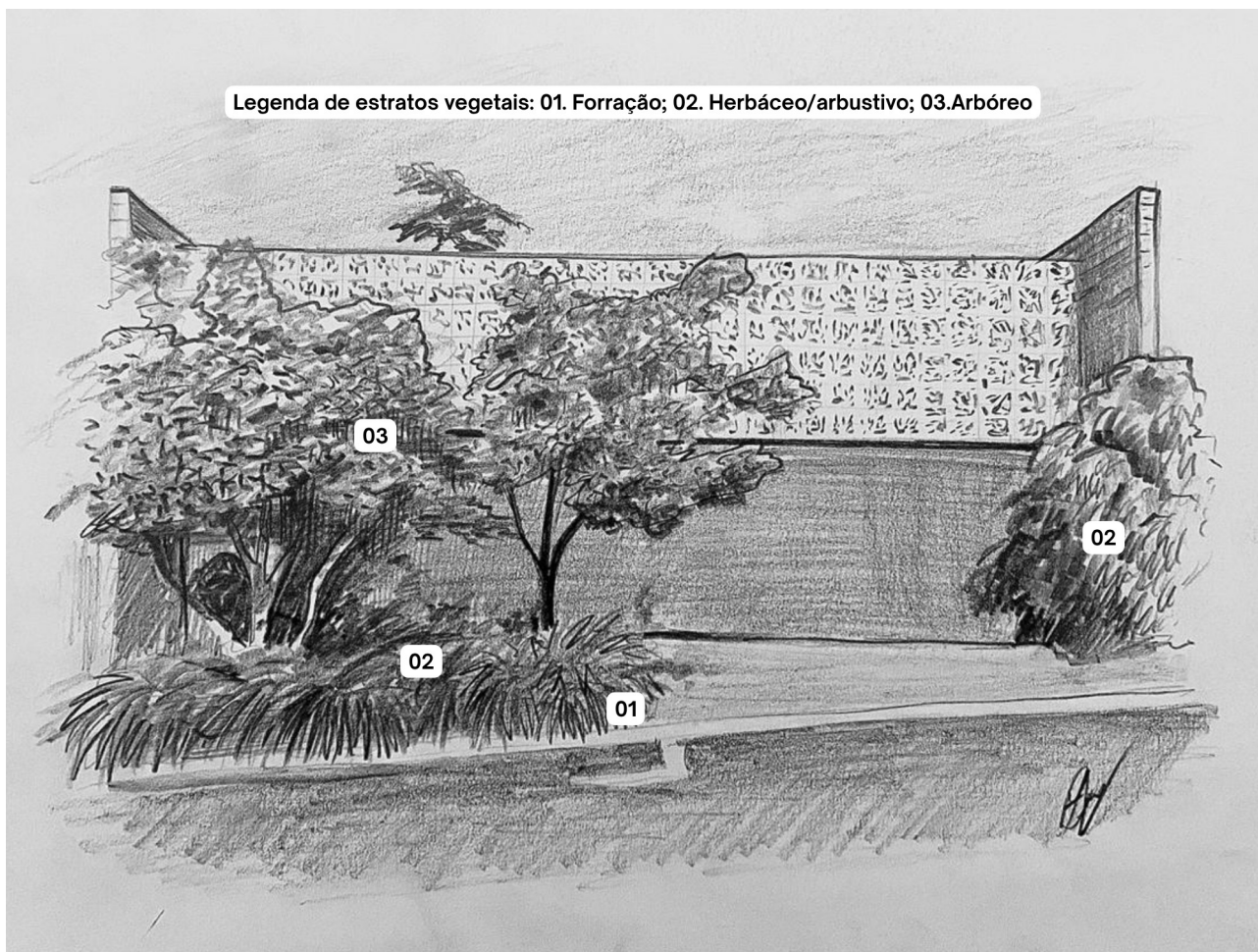


Figura 15 - Jardim frontal / Residência Cobogó. Fonte: Fillipe Azevedo, a partir de fotografia de Pedro Kok (editado por Paulina Alves Pereira).

No térreo, o corredor entre os blocos é coberto e ajardinado. A interação entre construção e paisagismo resulta em uma arquitetura que funciona como plano de teto. enquanto, no plano de piso, os cheios e vazios são delineados por seixos e por uma composição vegetal com plantas de diferentes alturas, entre forrações, arbustos e árvores. Além de proporcionar iluminação e ventilação natural, o paisagismo contribui para o controle da incidência solar e para o conforto térmico. Para isso, foram adotadas estratégias bioclimáticas, como espelho d'água e jardim externo nos fundos do lote, orientado para o poente, condição que favorece maior incidência solar ao longo do dia.



Figura 16 - Jardim ponte / Residência Cobogó. Fonte: Fillipe Azevedo, a partir de fotografia de Pedro Kok (editado por Paulina Alves Pereira).

As imagens do interior da residência evidenciam a integração visual com o paisagismo externo por meio de amplas esquadrias de vidro. Na ausência de canteiros ou em áreas impermeáveis, ainda é possível criar espaços paisagísticos por meio do plantio em vasos. Essa solução também pode ser aplicada em lotes pequenos, combinando canteiros ajardinados de dimensões reduzidas com composições em vasos.

O uso de espécies vegetais em vasos também compõe o paisagismo de ambientes internos. Quando há limitação espacial e o plantio em vasos é a única alternativa, recomenda-se o uso de plantas de meia-sombra ou sombra, com porte adequado, como herbáceas, arbustos e até árvores e palmeiras de pequeno porte. No terraço-jardim, no pavimento superior, os maciços vegetais foram organizados em vasos e jardineiras, com espécies herbáceas, arbustivas e pequenas palmeiras.



Figura 17 - Interior com plantas em vasos / Residência Cobogó. Fonte: Fillipe Azevedo, a partir de fotografia de Pedro Kok.

A Residência Cobogó demonstra integração entre arquitetura e paisagismo, com soluções e linguagem próprias. A escolha das espécies do projeto está alinhada às condições climáticas da cidade de São Carlos, no interior do estado de São Paulo, caracterizada por clima tropical de altitude, com verões quentes e chuvosos e invernos mais secos. Nesse contexto, espécies tropicais ornamentais, como helicônias e bromélias, apresentam bom desenvolvimento, enquanto o uso de vasos e jardineiras no pavimento superior permite maior controle do solo, da drenagem e da manutenção da vegetação.

### **Terceiro projeto: Apartamento AL, 2018**

O apartamento AL está localizado no município de Cabedelo, Paraíba, em um bairro localizado na faixa de orla da cidade, em clima quente e úmido. Este projeto de arquitetura paisagística de interiores é de autoria da arquiteta paisagista Anneliese Heyden, e teve como

ponto de partida a análise do mapa solar (ver figura 18), ao observar, as áreas que recebiam maior iluminação natural, e aos demais condicionantes ambientais, como o clima local e a proximidade do mar.



Figura 18 - Planta Baixa com layout e mapa solar por observação / Apartamento AL.  
 Fonte: Anneliese Heyden.

Como o apartamento tem frente leste e está posicionado no perímetro lateral do prédio, com as faces norte e oeste livres, a permeabilidade da luz solar nos turnos da manhã e do fim de tarde define faixas consideráveis com potencial para o cultivo de plantas. Aliado a isso, houve a compatibilização com o projeto de interiores, agrupando maciços de vegetação em pontos estratégicos, de modo a não interferir no fluxo de circulação.

A varanda, localizada na face leste, é o local que mais recebe luz solar direta, em virtude da orientação solar e por não existir nenhuma edificação nas margens que gere algum tipo de sombreamento. Devido à dimensão generosa da abertura externa, ocorre a exposição de mais de 4 horas de sol direto, entre 5h e 10h30 da manhã. A partir dessa possibilidade, optou-se por dar maior densidade vegetal nesta área, mas sem perder área útil para descanso ou atividades domésticas. O primeiro ponto definido foi a inserção de um jardim vertical na parede voltada para a face norte, com estrutura de madeira maciça de cumaru (indicada para áreas externas), e suportes de plástico meia-lua, na cor marrom, para mimetizar com a estrutura de fundo.

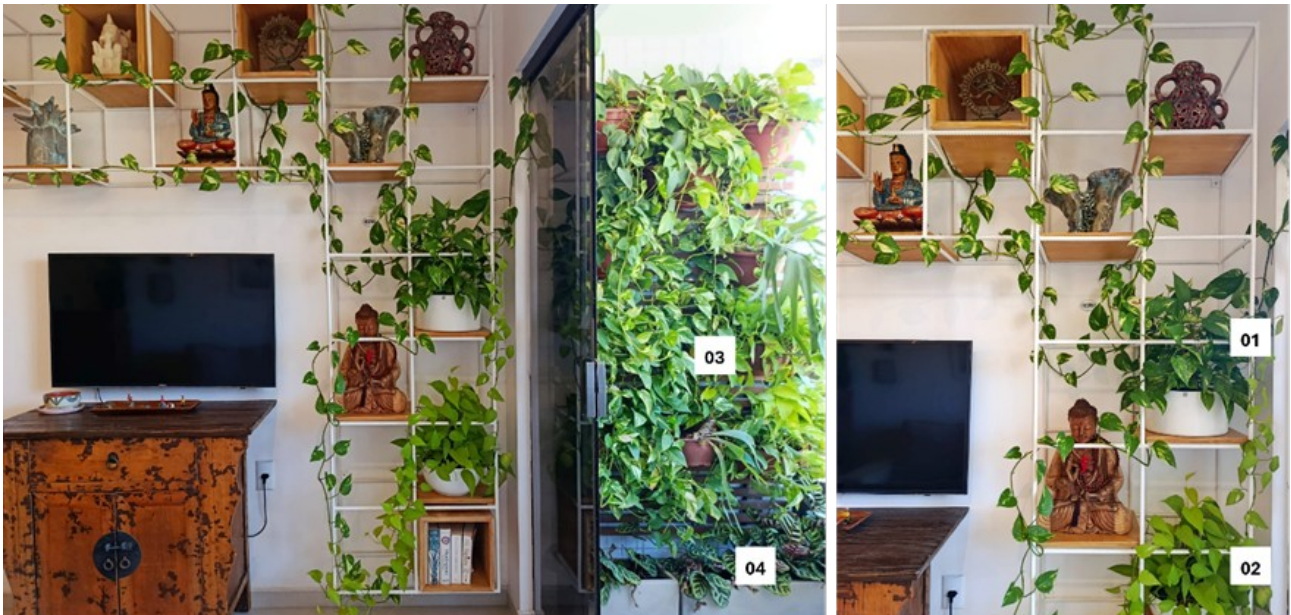


Figura 19 - Vista da sala em direção para a varanda (fachada leste) / Apartamento AL.  
Fonte: Anneliese Heyden.

Ricardo Cardim (2022) apresenta alguns benefícios de jardins verticais em contexto urbano, como a redução da temperatura, da poluição sonora e a melhoria da qualidade do ar. Para o bom desempenho e a durabilidade de jardins verticais, é fundamental o uso de substrato adequado ao desenvolvimento das espécies, que seja durável e de fácil manutenção.

As espécies cotadas para o jardim vertical são de baixa manutenção e resistentes à maresia [*Epipremnum pinnatum* (L.) Engl; *Epipremnum aureum* 'Neon'; *Platycerium bifurcatum*] (ver figura 20). Outra observação considerada foi que a rega não seria automatizada, de cunho manual e com frequência ajustada à rotina dos moradores. Para auxiliar na drenagem da rega do painel, foi proposto uma floreira retangular encaixada embaixo da estrutura para captar as águas residuais. Esta floreira tem 1,40m, a mesma largura da varanda, e para diminuir o peso de sua estrutura, foi especificada com material

de polietileno. A espécie indicada foi a *Goepertia makoyana*, de meia-sombra, e com desenho foliar que gera contraste com as folhas do painel.



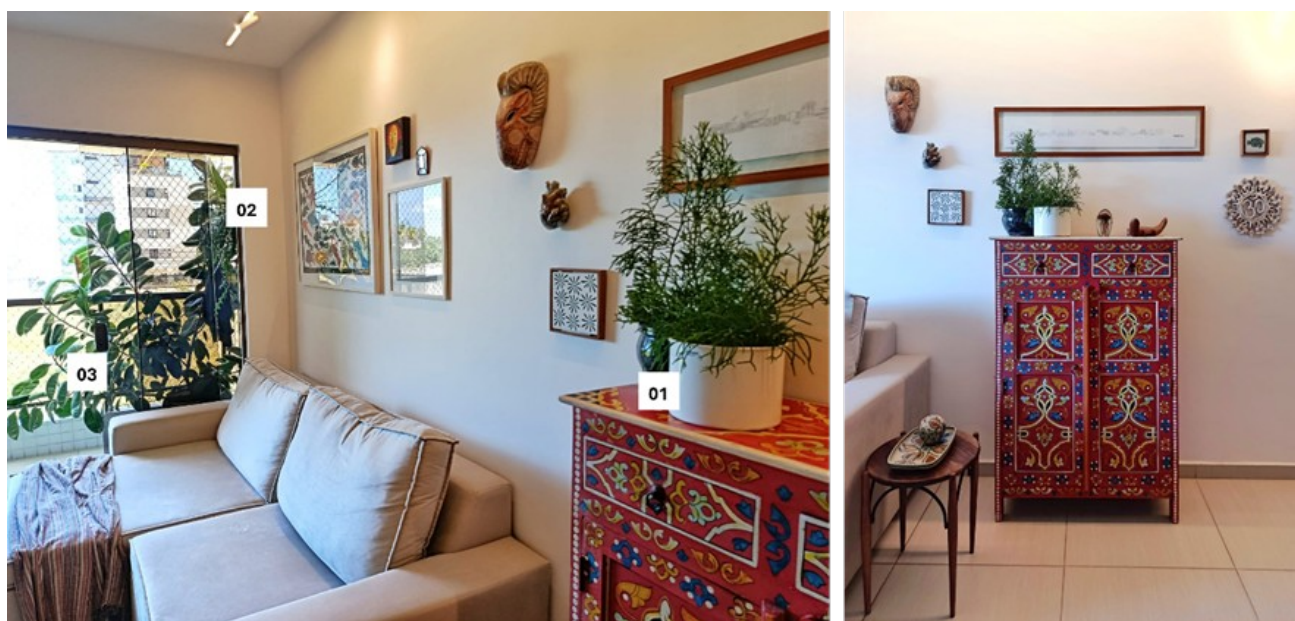
01- Ambiente Sala de TV: : Espécie *Epipremnum pinnatum* (L.) Engl; 02 - *Epipremnum aureum* 'Neon', em cachepot de alumínio branco;  
 02- Espécie *Goepertia makoyana*, em floreira de polietileno;  
 03 – Espécies *Epipremnum pinnatum* (L.) Engl; *Epipremnum aureum* 'Neon'; *Platyserium bifurcatum*, em painel vertical de madeira Cumaru

Figura 20 - Vista da sala de TV e da varanda / Apartamento AL. Fonte: Anneliese Heyden.

Do outro lado da varanda, posicionou-se uma árvore, atendendo um pedido expresso dos clientes, então sugeriu-se a espécie adaptada à vaso, com pouca perda foliar e com estrutura escultural – *Ficus elástica* (ver figura 21). Foi cotada um exemplar maior, em fase jovem-adulto, por apresentar altura compatível com a composição desejada, e para isso, também cotou-se vaso de polietileno para diminuir o peso. Entre 5h e 8h da manhã, adentra iluminação direta na sala de TV, o que configura contexto para plantas de sombra e de meia sombra. A sala apresenta mobiliários soltos, advindos das experiências e das viagens dos clientes, e apresentam caráter mais excêntricos e coloridos. O conceito para o paisagismo foi o de complemento e “pano de fundo” para não gerar choque visual com as pré-existências.

Desta forma, optou-se por espécies com hábito de trepadeira [*Epipremnum aureum* 'Neon' e *Epipremnum pinnatum* (L.) Engl] na estante vazada e suspensa em vergalhão. Para mimetizar com o material, foi especificado cachepots de alumínio na cor da estante e condução dos ramos de forma espontânea pela estrutura (ver figura 20).

Ainda na sala de TV, em trecho de transição para a sala de jantar, optou-se por colocar plantas com estrutura ereta para não comprometer o visual do móvel étnico que receberia a composição. Foi aproveitado alguns vasos dos clientes, nesse caso, vaso de barro vitrificado, conhecido como “vietnamita” e para e gerar unidade entre os cachepots já especificados na estante, outro cachepot de alumínio na cor branco. Essa composição se deu a partir da utilização de espécies cactáceas adaptados à sombra, da família dos ripsális [*Rhipsalis cereuscula*], em duas unidades com portes diferentes (ver figura 21).



01- Ambiente Sala de TV: Espécie *Rhipsalis cereuscula*, em cachepot de alumínio na cor branca, vaso vietnamita;  
 02- Ambiente varanda: Prateleira com espécies *Selenicereus anthonyanus* e *Philodendron martianum*, em vasos de plástico  
 03 - Ambiente Varanda: Espécie *Ficus elástica*, em vaso de polietileno

Figura 21 - Vista da sala de TV e da varanda / Apartamento AL. Fonte: Anneliese Heyden.

A sala de jantar apresenta condição favorável de iluminação difusa no turno da manhã e incidência solar no final da tarde, advinda da janela da cozinha, localizada no oeste. Esta janela apresenta tamanho generoso possibilitando contexto de sombra nas áreas próximas da entrada da cozinha. Neste sentido, para emoldurar uma parede com espelho circular que se conecta a cozinha, especificou-se espécie de sombra e de pouca manutenção [*Zamioculcas zamiifolia*], em cachepot de fibra artesanal, para associação à estética e materialidade da decoração. Ao lado, há uma cristaleira, cuja localização também capta a luz difusa, foram cotadas espécies pendentes [*Epipremnum pinnatum* (L.) Engl e *Rhipsalis bacífera*] (ver figura 22).



- 01- Ambiente Sala de Jantar: Espécie *Zamioculcas zamiifolia*, em cachepot de fibra artesanal;  
 02- Espécie *Rhipsalis bacifera*, em prateleira da cristaleira;  
 03 – Espécie *Epipremnum pinnatum* (L.) Engl, no topo da cristaleira, em cachepot de alumínio branco

Figura 22 - Vista da sala de jantar / Apartamento AL. Fonte: Anneliese Heyden.

O quarto do casal tem a janela para a face leste, apresentando boas condições de luz solar, no entanto, para acompanhar a estética e o caráter minimalista do quarto, foi pensado na presença pontual de planta de pequeno porte na mesa lateral do quarto. Neste caso, cachepot de alumínio branco para mimetizar com parede e tampo da mesa e espécie de crescimento ereto - *Rhipsalis cereuscula* (ver figura 23). A proposta de paisagismo para esse apartamento levou em consideração a sua vocação ambiental, como a orientação solar e a ausência de elementos externos que implicassem em sombreamento, bem como a compatibilidade com o layout, o fluxo de circulação, o senso estético e a rotina dos moradores. A especificação botânica contemplou espécies de fácil manutenção, resistentes à maresia e com linguagem tropical. As técnicas de composição evidenciaram adensamentos por maciços em pontos específicos através de vasos e painel vertical, apropriando-se de espaços próximos às paredes e cantos e também complementando mesas laterais, cristaleiras e estantes.



01 - Ambiente: Quarto; Espécie *Rhipsalis cereuscula*, em cachepot de alumínio na cor branca

Figura 23 - Vista do quarto de casal / Apartamento AL. Fonte: Anneliese Heyden.

Considerando as espécies indicadas e a localização do projeto, inserido no bioma da Mata Atlântica, a seleção vegetal mostra-se coerente com o contexto ambiental. As espécies escolhidas apresentam boa adaptação a condições de sombreamento e à dinâmica climática local.

## CAPÍTULO 5

### APRESENTAÇÃO DA CARTILHA

#### **Etapas projetuais**

Assim como em projeto arquitetônico, o paisagismo compreende etapas. Entre as metodologias projetuais adotadas por profissionais da área, foram consideradas as propostas por Benedito Abbud (2010), Carlos Niemeyer (2019) e Ricardo Cardim (2022). A seguir, é apresentado um breve resumo sobre uma possível metodologia a ser aplicada em projeto de paisagismo residencial unifamiliar, a qual será detalhada na cartilha.

As diretrizes apresentadas na cartilha, associadas ao conteúdo desenvolvido neste trabalho, abordam aspectos sensoriais, emocionais e ecológicos do projeto paisagístico, enfatizando a importância da integração entre projetos na tomada de decisões. Como o foco da cartilha recai sobre as etapas projetuais e orientações criativas e ecológicas gerais, não serão abordados aspectos técnicos como detalhamento, representação gráfica, orçamentos ou honorários.

O princípio do projeto de paisagismo está no contato com o cliente, momento de compreensão da expectativa, da rotina e do orçamento disponível. Estes são fatores que orientam as etapas seguintes. Em paisagismo residencial, é necessário observar o perfil da família, as faixas etárias, o nível de sociabilidade e preferências quanto a ambientes mais ou menos densos, presença de aromas ou de espécies frutíferas (Abbud, 2010).

Benedito Abbud (2010) indica cinco fases projetuais para o projeto de paisagismo, sendo: (1) Estudo preliminar, (2) Anteprojeto, (3) Pré-executivo, (4) Projeto executivo dos elementos construídos e (5) Projeto executivo de plantio. Já as fases apresentadas por Carlos Niemeyer (2019) são: (1) Levantamentos preliminares, (2) Estudo funcional, (3) Plano de massas, (4) Anteprojeto e (5) Projeto executivo. Embora ambos os autores apresentem títulos distintos para as etapas projetuais, observa-se que, na prática, as etapas convergem em direções semelhantes.

A etapa de estudo preliminar indicada por Abbud (2010) é direcionada à criação do

zoneamento espacial e do plano de massas vegetais, prevendo, de forma não definitiva, as principais espécies a serem utilizadas. Por sua vez, Niemeyer (2019) propõe uma etapa específica para a elaboração do plano de massas. Assim, as etapas apresentadas na cartilha resultam de uma articulação entre as propostas de ambos os autores.

Além de descrever cada fase do processo, os direcionamentos metodológicos consideram aspectos ecológicos do projeto, como a priorização de espécies nativas. As orientações relacionadas à especificação vegetal têm como base as contribuições de Ricardo Cardim (2022).

A cartilha desenvolvida foi intitulada “Paisagismo residencial unifamiliar contemporâneo: diretrizes gerais de projeto” e contempla os seguintes tópicos:

1. Integrando Paisagismo e Arquitetura: apresenta os objetivos e as justificativas para a criação da cartilha, destacando a importância da integração entre os projetos de arquitetura e paisagismo.

2. Etapas projetuais: um dos principais tópicos da cartilha, no qual são descritas as etapas do processo projetual, ressaltando a importância do diálogo entre os profissionais responsáveis pelo paisagismo e pela arquitetura na definição das relações entre espaços internos e externos.

3. Algumas definições e soluções: aborda os planos estruturadores do espaço paisagístico, a composição dos estratos vegetais e a orientação das decisões projetuais. Também são discutidos os impactos do paisagismo na biodiversidade local, com a apresentação de diretrizes gerais para a escolha das espécies, como a priorização da vegetação nativa.

## CAPÍTULO 6

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que, nas últimas décadas, houve uma crescente valorização dos projetos de paisagismo no campo da arquitetura e urbanismo. Tal valorização se expressa na incorporação do paisagismo desde as etapas iniciais do projeto, na presença de áreas verdes como elemento de qualificação e valorização de empreendimentos imobiliários e no planejamento de jardins, terraços e coberturas ajardinadas em condomínios verticais. Há uma preocupação significativa com a qualidade dos espaços construídos, especialmente com o conforto térmico e o sombreamento, aspectos nos quais a vegetação pode contribuir para a melhoria do desempenho ambiental. Com isso, o paisagismo passa a ser concebido estrategicamente, com o intuito de integrar arquitetura, qualidade estética e ambiental ao habitar contemporâneo.

A análise dos projetos apresentada no quarto capítulo, selecionados a partir de diferentes contextos e escalas no território brasileiro, permitiu identificar soluções projetuais que evidenciam a integração entre arquitetura e paisagismo. A observação dos elementos compositivos, dos planos estruturadores do espaço e das espécies vegetais utilizadas evidenciou a diversidade de abordagens adotadas. Destacam-se, nesses casos, a valorização da relação entre espaços internos e externos, o uso de diferentes estratos vegetais e a incorporação de elementos como pátios, jardins internos, vasos e jardins verticais, o que demonstra a flexibilidade do paisagismo de se adaptar às condicionantes ambientais e às demandas dos usuários.

A discussão sobre o planejamento do paisagismo também conduz à reflexão sobre metodologias projetuais que orientem a prática de forma estruturada, sensível e ambientalmente responsável, como enfatiza Ricardo Cardim:

Com a evolução do paisagismo brasileiro e sua inevitável direção para a sustentabilidade e brasilidade, a demanda de vegetação nativa regional tenderá a aumentar, o que viabilizará recursos financeiros para o mercado viveiristas expandir e diversificar o leque de opções de espécies, além de estimular maiores pesquisas acadêmicas e governamentais sobre o tema (Cardim, 2022, p. 190).

Ao longo das análises de projetos paisagísticos residenciais apresentadas no quarto

capítulo desta obra, é possível identificar soluções projetuais que dialogam com os distintos contextos observados. Destacam-se as relações entre arquitetura e paisagismo, bem como as composições vegetais em áreas externas, jardins frontais e internos, corredores ajardinados, arranjos com vasos e jardins verticais. Nos casos dos projetos paisagísticos em casas, principalmente no contexto de condomínios horizontais, nota-se a valorização das amplas esquadrias e da integração de espaços internos e externos. Essas características podem nortear discussões sobre as relações entre arquitetura e paisagismo, bem como sobre possíveis inovações projetuais capazes de potencializar a integração com a natureza e o conforto ambiental.

O ato de projetar com a natureza demanda conhecimento técnico e sensibilidade para o desenvolvimento de soluções que atendam às necessidades dos clientes e estejam em harmonia com a biodiversidade nativa. Os tópicos desenvolvidos ao longo do trabalho, a análise dos projetos contemporâneos e a cartilha desenvolvida são relevantes por sua contribuição metodológica para estudantes e profissionais atuantes na área e pelo fortalecimento do assunto no âmbito acadêmico e profissional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBUD, Benedito. **Criando Paisagens**: guia de trabalho em arquitetura paisagística. 4. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

AIRES, Daniela Cordeiro. **A influência da cor na percepção espacial**. Abordagens à cor: três arquitetos. Universidade de Coimbra, 2017. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/81523>. Acesso em: 15 jan. 2023.

BACKES, Toni. **Neuropaisagismo**: conceitos filosóficos e ecológicos dos jardins regenerativos e vibracionais. 1. ed. Nova Petrópolis, RS: Edição do Autor, 2020. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CABRAL, Luiz Otávio. **A paisagem enquanto fenômeno vivido**. Geosul, v. 15, n. 30, p. 34-45, 2000. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/x36rsnbm4je4pols6tukflnge4/access/wayback/https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/14252/13053>. Acesso em: 15 jan. 2023.

CARNEIRO, Ana Rita Sá. **Princípios paisagísticos dos jardins de Burle Marx**. 2019. Disponível em: <http://zaloamati.azc.uam.mx/handle/11191/7433>. Acesso em: 12 mar. 2023. **Carta da Paisagem das Américas**. Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas Região Américas (IFLA - AR), Universidad Autónoma Metropolitana unidad Azcapotzalco (UAM - A). Cidade do México, 28 set. 2018. Disponível em: <http://www.abap.org.br/abap/wp-content/uploads/2021/09/CARTA-DA-PAISAGEM-DAS-AMERICAS.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

CARDIM, Ricardo Henrique. **Paisagismo sustentável para o Brasil**: Integrando natureza e humanidade no século XXI. São Paulo: Olhares, 2022.

DOURADO, Guilherme Onofre Mazza. **Modernidade verde**: jardins de Burle Marx. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2000. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=Cx6bEAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=Cx6bEAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 10 jan. 2023.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

KELLERT, S. R.; CALABRESE, E. F. **A Prática do Design Biofílico**. 2015. Tradução de Bia Rafaelli e Natália Porcari Gerciano. Disponível em: <https://www.biophilic-design.com/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

LORENZI, Harri. **Plantas para jardim no Brasil**: Herbáceas, arbustivas e trepadeiras. Nova Odessa, SP: Plantarum, 2022.

MACEDO, Silvio Soares. **A vegetação como elemento de projeto**. Paisagem e Ambiente, n. 4, p. 11-41, 1992. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/download/133736/129639>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MARX, Roberto Burle. **Arte & paisagem: conferências escolhidas**. Studio Nobel, 2004. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=\\_eoFScLji3wC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=_eoFScLji3wC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 13 jan. 2023.

NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. **Paisagismo no planejamento arquitetônico**. - 3. ed. - Uberlândia : EDUFU, 2019. Disponível em: <http://www.edufu.ufu.br/catalogo/ebooks-gratuitos/paisagismo-no-planejamento-arquitetonico-3a-edicao>. Acesso em: 13 jan. 2023.

PALLASMAA, Juhani. **Os Olhos da Pele: A arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SOUZA, Vinicius Castro; LORENZI, Harri. **Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG II**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. SciELO-EDUEL, 2012. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=HKg3DwAAQBAJ&lpg=PP1&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 10 mar. 2023.

## **APÊNDICE 01**

# PAISAGISMO RESIDENCIAL UNIFAMILIAR

**diretrizes gerais de projeto**



A presente cartilha faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **“Paisagismo contemporâneo em residências: diretrizes gerais para projetos integrando natureza e arquitetura”**, desenvolvido como pré-requisito para obtenção do título de Especialista em Paisagismo Integrado à Arquitetura e ao Design de Interiores pelo UNIESP Centro Universitário.

Cabedelo, 2023.

**Texto, ilustração e diagramação**

Paulina Alves

**Orientação**

Anneliese Heyden

**Contato:**

paulinaalves.au@gmail.com

## INTEGRANDO PAISAGISMO E ARQUITETURA

Casas com áreas externas ajardinadas são bastante comuns e valorizadas pelos seus atributos estéticos e funcionais, principalmente por se tratarem de espaços agradáveis para a permanência e o convívio familiar.

Além do contato direto com a natureza, os espaços paisagísticos podem oferecer diferentes usos aos seus moradores, como lazer, descanso e contemplação. Em um país de clima tropical como o Brasil, a importância do jardim também parte dos seus benefícios para o conforto ambiental e a privacidade do interior da casa.

Projetos contemporâneos de paisagismo integrados à arquitetura estão sendo cada vez mais solicitados, e esse planejamento conjunto contribui para a transformação da experiência do habitar, de modo que o espaço construído e o espaço paisagístico coexistam como continuidade um do outro. Então, o presente material pretende estabelecer diretrizes gerais de projeto, indicando etapas e abordando questões projetuais pertinentes.

## ETAPAS PROJETUAIS EM PAISAGISMO

Uma metodologia projetual corresponde a um processo de criação, onde cada etapa indica caminhos a serem seguidos até que se chegue ao projeto final.

### POR ONDE COMEÇAR?

O processo projetual tem seu ponto de partida no primeiro contato entre projetista e cliente. Esta conversa inicial, chamada de briefing, é fundamental para a compreensão das necessidades e expectativas do cliente em relação ao projeto e também do orçamento disponível, para que seja possível atender ao programa de necessidades estabelecido e, principalmente, que seja possível executá-lo.

Tendo em vista que o projeto paisagístico nasce de um processo criativo, cada etapa tem um papel específico para a sua concepção e é fundamental destacar para o cliente a importância de cada uma delas para que se alcance o resultado final desejado.



### ETAPAS



- 01 LEVANTAMENTOS PRELIMINARES
- 02 ESTUDO PRELIMINAR
- 03 ANTEPROJETO
- 04 PROJETO EXECUTIVO

## INICIANDO O PROJETO

# 01 LEVANTAMENTOS PRELIMINARES

Esta etapa corresponde à compreensão das necessidades do cliente e das condicionantes que determinarão os desafios e potencialidades do projeto.

### Briefing e definição do programa de necessidades:

compreensão das necessidades e usos pretendidos para o espaço, rotina e preferências estéticas do cliente.

### Identificação das condicionantes legais:

quais são as legislações incidentes sobre a zona em que o terreno está localizado?

### Identificação das condicionantes ambientais:

orientação e trajetória solar no terreno, ventos predominantes, bioma e vegetação nativa da região.

### Visita ao local:

levantamento espacial / planialtimétrico (dependendo das dimensões e das condições topográficas do terreno).

Percepção da paisagem do entorno e das preexistências no local (arquitetura, instalações, vegetação existente, etc.).

Levantamento fotográfico.

### Leitura do espaço construído:

como os espaços internos e externos se relacionam?

### Contato com a equipe responsável pelo projeto arquitetônico:

no caso do desenvolvimento dos projetos em paralelo, é necessária a compatibilização das intenções projetuais e ideias ao longo do desenvolvimento dos projetos.

Como o paisagismo e a construção se relacionarão?

### Interpretação dos dados recolhidos:

quais os desafios e potencialidades identificados?

# 02 ESTUDO PRELIMINAR

Esta etapa corresponde às definições iniciais do projeto onde, à partir dos levantamentos preliminares, são feitos os primeiros estudos de viabilidade e tomadas as primeiras decisões projetuais.

### Definição do conceito:

a partir do programa de necessidades e das condicionantes, quais são as intenções projetuais? Quais as sensações desejadas para o espaço?

### Estudo de casos:

pesquisa por projetos com programas de necessidades e intenções projetuais semelhantes. Objetivo de ampliar o repertório projetual.

### Estudos de insolação e ventilação:

estratégias para o conforto ambiental, sobrevivência e desenvolvimento das plantas.

### Zoneamento espacial:

distribuição geral dos elementos a compor o projeto paisagístico, construídos e naturais, atentando para a continuidade espacial e visual em relação à arquitetura.

### Plano de massas:

estudo das relação entre cheios e vazios, enquadramentos e aproveitamento de vistas, previsão de espécies vegetais.

### Pré-dimensionamentos.



# 03 ANTEPROJETO

Esta etapa corresponde à definição clara das intenções projetuais, na qual deve ser apresentado todo o material necessário para a plena compreensão da proposta por parte do cliente e para o início do detalhamento.

**Compatibilização entre os projetos de paisagismo e arquitetura:**  
refinamento das decisões projetuais.

**Desenvolvimento dos projetos complementares ao paisagismo:**  
paginação, irrigação e iluminação.

**Visualização tridimensional do projeto:**  
maquete, perspectivas e passeios virtuais.

**Especificações:**  
quadro botânico com identificação das espécies.  
Indicação de materiais e revestimentos.

**Desenhos técnicos:**  
plantas, cortes e elevações.

**Orçamentos:**  
previsões de custos para a execução.

# 04 PROJETO EXECUTIVO

Esta etapa corresponde ao detalhamento e especificação completa do projeto, incluindo os desenhos técnicos com toda a simbologia gráfica necessária para sua compreensão e execução.

**Compatibilização final com o projeto arquitetônico.**

**Desenhos e especificações técnicas:**  
plantas, cortes, elevações e detalhamentos.

**Memorial descritivo:**  
descrição geral do projeto, considerando todos os seus elementos compositivos (vegetação, mobiliário, revestimentos etc.). O memorial também deve oferecer orientações básicas para o plantio e manutenção do espaço paisagístico projetado.

**Finalização de projetos complementares ao paisagismo:** projeto de paginação, projeto luminotécnico, projeto de irrigação e escoamento.

**Quadro botânico:**  
especificações e quantitativos das espécies vegetais, incluindo espaçamentos e porte para a compra.



## ALGUMAS DEFINIÇÕES E SOLUÇÕES

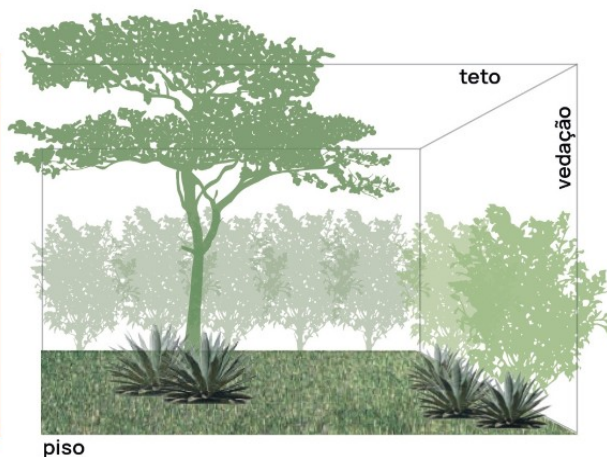
# TRABALHANDO COM PLANOS

Assim como o espaço arquitetônico, o espaço paisagístico também é estruturado a partir de planos: **piso, vedação e teto.**

Os três planos devem ser pensados de forma conjunta para a criação de espaços funcionais e visualmente coerentes. Também é importante considerar que o paisagismo vai além da vegetação e pode incluir outros elementos, como piscinas, lagos artificiais, espelhos d'água, mobiliário, esculturas, estruturas, equipamentos de lazer, etc.

### EQUILÍBRIO ENTRE CHEIOS E VAZIOS

A distribuição dos volumes deve transmitir continuidade e unidade, sem deixar espaços vazios em excesso ou áreas congestionadas. Os vazios são essenciais para a circulação e convivência das pessoas.



### POSSIBILIDADES

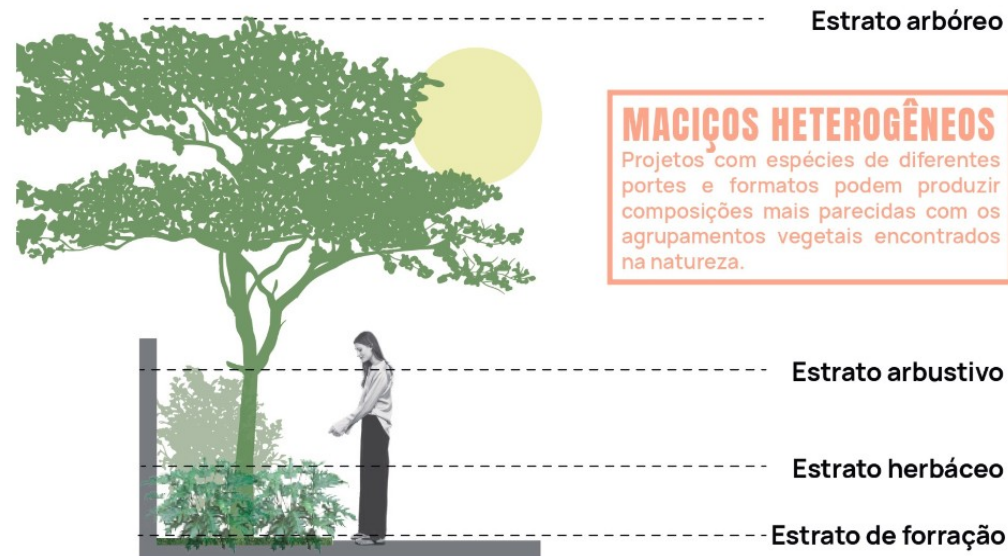
**Piso:**  
forrações, maciços vegetais, espelhos d'água e acessos.

**Teto:**  
coberturas naturais ou construídas, como árvores, lajes e pergolados.

**Vedação:**  
canteiros laterais ajardinados, cercas vivas, jardins verticais, paredes verdes e suportes para plantas de crescimento ascendente.

# ESTRATOS VEGETAIS

As plantas são determinantes ao caráter plástico do paisagismo e devem ser escolhidas a partir das intenções projetuais e das funções que deverão exercer no espaço.



### MACIÇOS HETEROGÊNEOS

Projetos com espécies de diferentes portes e formatos podem produzir composições mais parecidas com os agrupamentos vegetais encontrados na natureza.

#### Estrato de forração:

plantas que se espalham pelo solo, como as gramíneas, podem preencher espaços vazios e forrar canteiros, criando uma sensação de continuidade no ambiente.  
Altura: Até 0,3 m.

#### Estrato herbáceo:

plantas que possuem caule macio e folhas verdes, geralmente utilizadas para compor canteiros ou maciços isolados.  
Altura: Até 2 m.

#### Estrato Arbustivo:

plantas de caule geralmente lenhoso, podem ser utilizadas pontualmente ou compondo cercas vivas.  
Altura: Até 3 m.

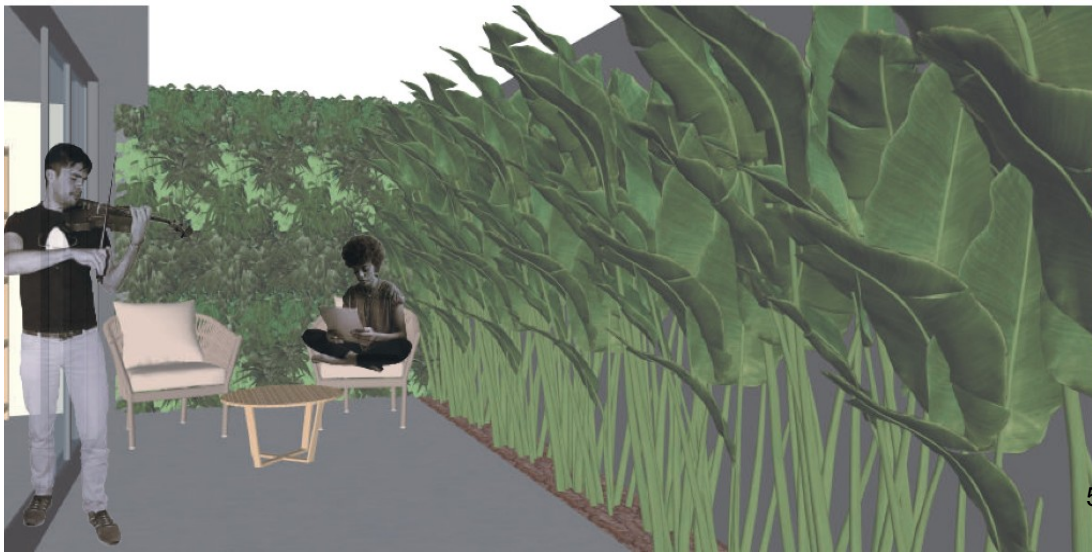
#### Estrato arbóreo:

plantas de maior porte, incluindo árvores e palmeiras. Podem ser utilizadas para criar sombra, proteção contra ventos e ruídos, criar perspectivas e trazer cor ao espaço, a depender de sua floração.  
Altura: A partir de 4 m.

# VASOS E JARDINS VERTICAIS

Em ambientes internos ou pequenas áreas externas não permeáveis é possível criar espaços paisagísticos agradáveis para a permanência e contemplação.

Em terrenos com dimensões reduzidas, pequenos canteiros ajardinados podem ser combinados com plantas em vasos e jardins verticais.



# ENVOLVENDO A PAISAGEM DO ENTORNO

Em áreas externas é possível aumentar os limites físicos do jardim integrando-o visualmente com a paisagem do entorno, principalmente quando há potencial paisagístico pela presença de elementos naturais.

Essa sensação de amplitude e continuidade pode ser influenciada a partir do uso estratégico de aberturas na composição dos maciços vegetais, da criação de enquadramentos e da camuflagem dos limites do jardim.

## ALGUMAS ESTRATÉGIAS

**Muros com cores escuras, como cinza escuro e azul marinho:** sensação de maior distância em relação ao observador.

**Canteiros com vegetação vertical entre o piso e o muro:** criam independência entre eles e geram sensação de leveza.

**Vegetação escalonada:** plantas com diferentes alturas formam níveis e criam perspectiva.



# SENSORIALIDADE E AFETIVIDADE

“O paisagismo é a única expressão artística em que participam os cinco sentidos do ser humano.” (Benedito Abbud)

Um jardim é capaz de proporcionar diversos estímulos sensoriais, já que oferece inúmeras possibilidades de composições e percepções.

Além de projetar um espaço que gere bem-estar e possa ser vivenciado pelos sentidos da **visão, tato, olfato, paladar e audição**, um projeto diverso atrai a fauna local, como borboletas, pássaros e outros pequenos animais.

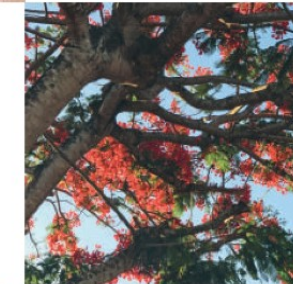
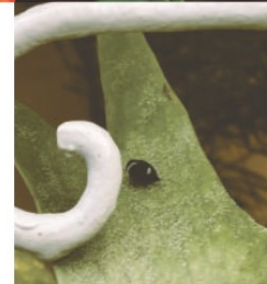
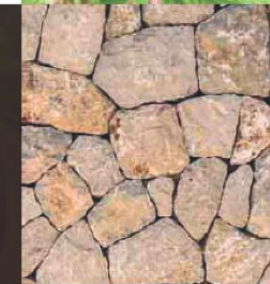
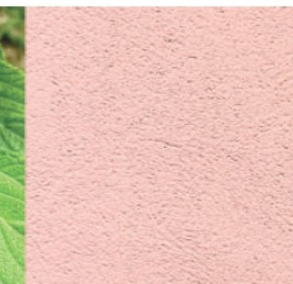
Também é relevante investigar possíveis significados atribuídos a determinadas plantas e materiais, para que possam ser incluídos no projeto com a intenção de resgatar memórias afetivas.

## ALGUMAS ESTRATÉGIAS

**Diversidade:**  
materiais  
construtivos /  
vegetação com  
diferentes cores,  
aromas, texturas  
e alturas.

**Função alimentar e  
fitoterápica:**  
frutíferas, ervas,  
hortaliças, PANCs  
(plantas  
alimentícias não  
convencionais).

**Luz e sombra:**  
iluminação natural e  
artificial, criação de  
cenários / pontos  
focais.



# VEGETAÇÃO NATIVA

O uso de vegetação nativa em projetos paisagísticos é importante para a proteção e conservação da flora em seus locais de ocorrência. Nesse contexto, o **paisagismo ecológico** busca criar espaços paisagísticos em harmonia com a biodiversidade nativa de onde estão inseridos, tanto como uma medida ecológica quanto para incentivar a conexão cultural entre as pessoas e o bioma que habitam.

Priorizar o uso de espécies nativas não significa que o paisagista deva ter aversão às espécies exóticas, pois elas também podem ser especificadas, desde que não sejam invasoras. Algumas exóticas foram naturalizadas por se adaptarem a biomas brasileiros sem grandes impactos negativos ao ecossistema local.

Funcionalmente, espécies nativas e exóticas naturalizadas estão melhor adaptadas às condições climáticas e ambientais locais, apresentando maior resistência à pragas e doenças. Enquanto isso, espécies exóticas invasoras, além de competirem com a flora nativa, precisam de mais cuidados e manutenções, o que pode aumentar o consumo de água e de recursos naturais.

“Criar áreas verdes que privilegiem a vegetação nativa regional e promover o equilíbrio ecológico de nosso território são questões éticas e de respeito ao patrimônio natural herdado. Trata-se de compreender que o espaço ocupado pelo jardim é um direito não apenas nosso, mas também da fauna e da flora que já viviam há milênios naquele território.” (Ricardo Cardim)

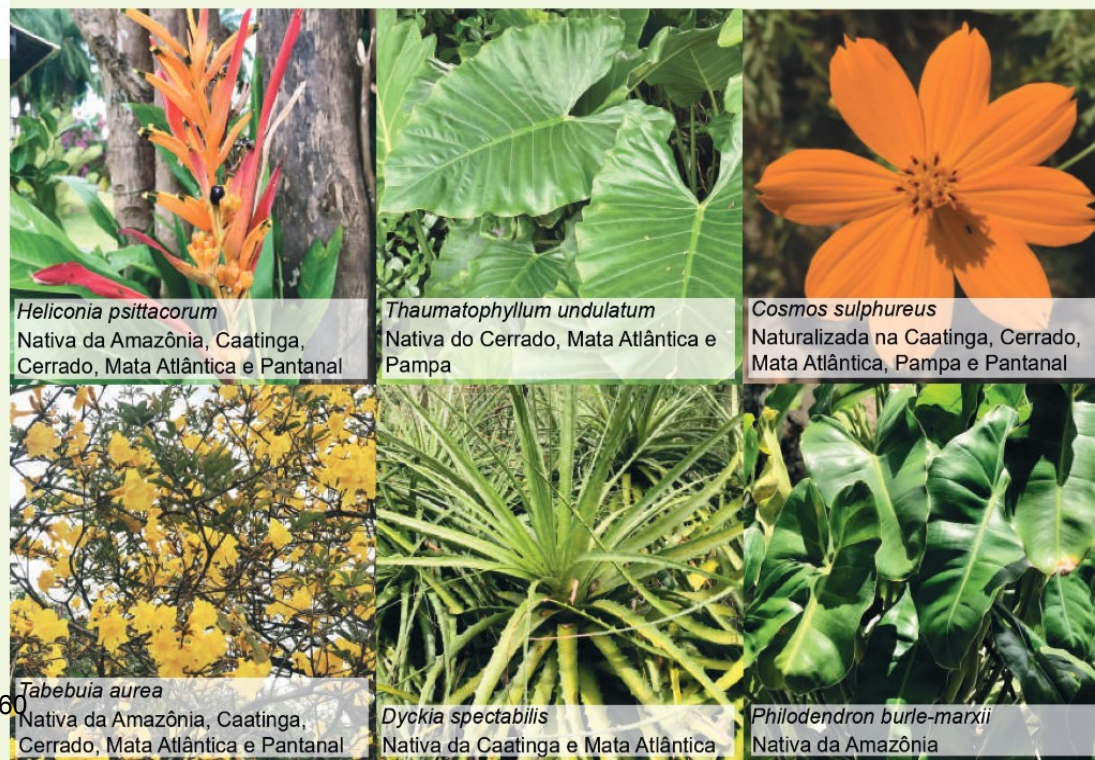
Bromélia imperial (*Alcantarea imperialis*)  
Nativa da Mata Atlântica

Dentro de um mesmo bioma, podem haver diferentes tipos de vegetação por conta do processo biológico de adaptação às condições específicas de altitude, umidade e relevo. O bioma de Mata Atlântica, por exemplo, possui sete ecossistemas distintos, entre eles a floresta ombrófila densa e a restinga, cada um com características particulares.

No momento da escolha das espécies, deve-se identificar o bioma e o tipo de vegetação ocorrente na região onde o terreno está localizado.

## GRAU DE PRIORIZAÇÃO DAS ESPÉCIES:

1. Espécies nativas do mesmo bioma com ocorrência na vegetação local;
2. Espécies nativas do mesmo bioma, apesar de não ocorrerem na vegetação local, desde que não invasoras;
3. Espécies nativas de outros biomas brasileiros, desde que não invasoras;
4. Espécies exóticas naturalizadas;



# BIBLIOGRAFIA DE APOIO

